

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**NARCISO VAI AO SHOPPING,
A EDUCAÇÃO, O CULTO AO CORPO E A
SOCIEDADE DE CONSUMO**

JOSÉ ANTONIO COLLETTI DOS SANTOS

**PIRACICABA, SP
2010**

NARCISO VAI AO SHOPPING, A EDUCAÇÃO, O CULTO AO CORPO E A SOCIEDADE DE CONSUMO

JOSÉ ANTONIO COLLETTI DOS SANTOS

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a NILCE MARIA A. S. A. CAMPOS

**Dissertação apresentada à
Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação
em Educação da UNIMEP
como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre
em Educação**

**PIRACICABA, SP
2010**

BANCA EXAMINADORA

**Prof^a. Dr^a. NILCE MARIA A. S. A.
CAMPOS – ORIENTADORA**

**Prof^a. Dr^a. ANDRÉIA CRISTINA
PEIXOTO FERREIRA**

**Prof. Dr. LUIZ ANTONIO
CALMON NABUCO LASTÓRIA**

**Prof^a. Dr^a. MARIA NAZARÉ DA
CRUZ**

Para Eva, princípio de tudo.

Para Yousef, presente e futuro.

Para Nair, passado sempre presente.

AGRADECIMENTOS

A Eva, meu amor em eterna construção, por dividir comigo sua alegria pela vida. Ingenuidade sensual forjada na dura luta pela sobrevivência. Mulher decidida, forte na sua fraqueza, oferece a mim, as cores da esperança de um mundo melhor.

A Yousef, meu filho, que divide com a mãe um lugar em meu coração, e herdou dela, também uma alegria contagiante, alegria inocente de menino que a oferece aos outros solidariamente, sem pedir nada em troca.

A Eva e Yousef, amores da minha vida, por entenderem os momentos de ausência e pelo apoio incondicional nas horas difíceis.

Ao Professor Ms. Ricardo Ducatti Colpas, amigo/irmão, co-redator involuntário (das partes relevantes) deste texto. Meu guia na luta por justiça e dignidade humana para todas as pessoas, o pressuposto motivador da construção dessa pesquisa.

Ao Colégio Piracicabano, que investiu em minha formação profissional, primeiramente na pessoa do Professor Almir Linhares, e posteriormente na pessoa da Professora Marilice Trintini Oliveira, sem o qual não seria possível a realização deste trabalho.

Aos alunos do Colégio Piracicabano, que me ensinam todos os dias a força da amizade duradoura, o encontrar-se no outro.

Aos professores e funcionários do Colégio Piracicabano, os que chegaram e os que já saíram, os mais próximos e os mais distantes, cada um da sua forma, fazem parte de cada linha deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Luiz Antonio C. N. Lastória - Bucu - por sua dignidade profissional numa época de descomprometimento geral, mestre de cultura multidisciplinar, com capacidade para estabelecer as relações relevantes nos momentos precisos. Deu sentido para os meus estudos.

Ao Prof. Dr. Bruno Pucci, que com a paciência de quem conhece todos os caminhos, tolerou meus excessos, me fazendo aprender o verdadeiro sentido da palavra respeito.

A Prof^a. Dr^a Nilce Maria A. S. A. Campos, companheira mais recente, que teve a dura tarefa de se responsabilizar pela finalização deste trabalho, sensível e solidária me deu a mão num momento de desesperança.

A Prof^a. Dr^a. Maria Nazaré da Cruz, que com suas observações precisas, ajudou a reinterpretar minha pesquisa.

A Prof^a. Dr^a. Carmen Lucia Soares, estudiosa brilhante do corpo na história, forneceu os primeiros subsídios teóricos para a formulação deste trabalho, e posteriormente compartilhou comigo um pouco de seu amor pela profissão que escolheu.

Aos Professores Elias Boaventura e Maria Guiomar C. Tomazzello, pelas primeiras lições e também primeiras provocações. A professora Anna Maria L. Padilha, por sua alegria contagiante. Ao Professor Cesar Romero, amigo de muitas jornadas. Ao Professor Valdemar Sguissardi, modelo de postura ética e fé revolucionária. Ao Professor José Maria de Paiva, equilíbrio comovente entre humildade e sabedoria.

Aos demais professores da Pós Graduação em Educação, que não tive oportunidade de conhecer de perto, mas responsáveis por construir um espaço raro nas Instituições privadas, que prima pelo compromisso ético apesar do contexto desfavorável.

Aos amigos de jornada, Fabio Camilo, Mara, Juan, Tatiana, Niva, Dilson, Lia, Marcos Scopino, Ozânea, com quem aprendi tanto quanto com os livros e aulas. E a muitos outros amigos de curso, que mantive uma menor convivência, mas foram de valor inestimável, seja pelo apoio nas discussões, seja pela divergência de opinião.

Aos amigos, Ignácio, Renata, Flávia, companheiros de jornada, que nas conversas longas, foram dando polimento para a maioria das idéias escritas neste trabalho.

Aos professores e alunos das Faculdades Integradas de Itapetininga, de onde muito desses temas aqui abordados, tiveram origem.

Aos funcionários da Pós Graduação, as funcionárias da Biblioteca e do Laboratório de Informática, todos eles e muitos outros deram uma contribuição inestimável, com sua tolerância e auxílio às minhas dificuldades.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as causas que motivam um número cada vez maior de pessoas a interagir com o corpo de forma obsessiva e instrumental, buscando através de determinados estereótipos de beleza, exaltados pela mídia, que se configuram em modelos a serem copiados por representarem o novo arquétipo da felicidade contemporânea. A investigação dessas causas é organizada a partir da interconexão entre; o funcionamento das estruturas psíquicas do indivíduo, e, a organização das estruturas sócio culturais do capitalismo, procurando desvelar os processos que levam os indivíduos a incorporarem os pressupostos da ideologia dominante, assim como suas formas de difusão. A pesquisa é uma análise bibliográfica que, primeiramente, fundamentada em Freud, identifica no narcisismo secundário – retração da libido para objetos externos, voltando-se para o próprio corpo – o pressuposto psíquico do culto ao corpo contemporâneo. Posteriormente, volta-se para a História, e a partir de Marx, Walter Benjamin, Adorno, Horkheimer, Gramsci, Lasch, identifica na mecanização e instrumentalização do corpo renascentista; na alienação pelo trabalho do capitalismo produtivo; no empobrecimento da subjetividade humana; no desenvolvimento sem precedentes do fetichismo pela mercadoria e na consagração do capitalismo de consumo; os fundamentos que ao longo do processo histórico atuam nas estruturas psíquicas do indivíduo contemporâneo, interferindo em seu processo de desenvolvimento, criando um curto circuito nas formas de relacionamento com o mundo exterior, nas palavras de Freud – com o objeto – que se apresentam na forma de descrença nas Instituições, na aversão a um relacionamento mais duradouro, no pragmatismo e instrumentalização do outro. Assim, o indivíduo procura no corpo, no seu próprio corpo, uma maneira de autopreservação num mundo desencantado e – volta sua libido para o eu – e num mundo que se move pelo consumo, transforma-o em mercadoria fetichista nos termos marxianos, e ao mesmo tempo em objeto de fetiche nos termos freudianos. Na busca de sua autopreservação, o culto ao corpo se transforma em mais um instrumento de alienação.

Palavras-chave: Culto ao Corpo – Narcisismo – Alienação

ABSTRACT:

This paper was designed to explore the causes that motivate a growing number of people to interact with the body in an obsessive and instrumental way. These people try to copy certain stereotypes of beauty that were turned into models, which the media exalts, because they represent the new archetype of contemporary happiness. The exploration of these causes is organized by the interconnection between the individual psychic structure action and the structure organization of sociocultural capitalism, seeking to unveil the processes that lead individuals to incorporate the dominant ideology conjecture, as well as its means of propagation. The research is a literature review that, initially, identifies the secondary narcissism based on Freud – libido retraction to external objects, turning to one's own body - the psychological assumption of the contemporary body worship. Later, if we go back to History, and in accordance with Marx, Walter Benjamin, Adorno, Horkheimer, Gramsci, Lasch, we can identify - in mechanization and manipulation of the renaissancist body; in the alienation for the work of productive capitalism; in the impoverishment of human subjectivity; in the unprecedented development for goods of the fetish, and in the consecration of consumer capitalism, - the grounds that throughout the historical process act in psychic structures of the contemporary individual. This interferes in the process of psychic development, creating a “short circuit” in the forms of relationship with the outside world, in the words of Freud - with the object - which show disbelief in the institutions, repugnance to a long-lasting relationship, pragmatism and instrumentation of the other. As a result, the individuals search in the body, in their own body, for a way of self-preservation in a disenchanted world - their libido goes back to themselves - and a world that functions because of the consumption turns people to goods of the fetish, in Marxian terms, and at the same time to the objects of fetish, in Freudian terms. In search of self-preservation, the body worship becomes another instrument of alienation.

Keywords: Body worship - Narcissism – Alienation

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo I: Nos Tempos de Narciso: O Culto ao Corpo e as Expressões do Inconsciente.....	07
_ O Mito de Narciso.....	08
_ Explicitando o problema: O fenômeno da Corpolatria....	11
_ Culto ao Corpo e Educação.....	16
_ O Conceito de Narcisismo.....	20
_ Narcisismo Primário e Narcisismo Secundário.....	23
Capítulo II: O Corpo e a História: Do Corpo Mecanicista ao Corpo Alienado.....	33
_ O Método, a História e o Corpo.....	34
_ O Corpo Máquina.....	37
_ O Corpo Econômico.....	46
Capítulo III: O Corpo Fetiche.....	54
_ Capitalismo e Subjetividade.....	55
_ Capitalismo Produtivo, Alienação e Práticas Corporais – A Hegemonia do Esporte.....	60
_ Corporalidade e Americanismo.....	64

_A (Re) Sacralização do Corpo.....	67
Capítulo IV: A Cultura do Narcisismo.....	76
_A Ética da Sobrevivência.....	77
_ Considerações Finais: Culto ao Corpo e Educação.....	88
Bibliografia.....	97

INTRODUÇÃO

A centralidade do corpo na sociedade contemporânea é um fenômeno que vem sendo observado com bastante interesse por pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento. Porém, são as pesquisas ligadas a Biologia, aquelas que mais chamam a atenção da população hoje em dia, seus estudos mais famosos anunciam o mapeamento do código genético, o avanço das neurociências, e o aprofundamento das pesquisas com clonagem. Seu projeto é vencer qualquer limite que o corpo possa oferecer, e quem sabe um dia, vencer até a morte. Assim a Biologia, ao anunciar respostas a questões fundamentais para a existencialidade humana, ganha preferência e hegemonia social nos discursos sobre o corpo, ao mesmo tempo em que o referenda como elemento fundamental na vida hodierna.

A partir destas mesmas referências ligadas ao avanço da Biologia, também a Medicina reforça esse discurso corporal, ao provocar um “curto-circuito na experiência da doença (...), ela procura agora, não apenas enunciar um prognóstico para os próximos dias, mas (pre)dizer o futuro” (MOULIN, 2008, p.20). Assim o corpo saudável torna-se um pressuposto inadiável a todos, embora só uma parte da população possa ter acesso a esses avanços.

Ocorre que essa centralidade do corpo na vida contemporânea, é anunciada como novo arquétipo de felicidade, fundamentada no avanço tecnológico e tutelada por uma (i)racionalidade que, mais que referendar uma ética baseada no consumo e no lucro, a assume como a única possibilidade da vida em sociedade. Levantando dúvidas, nos estudos mais críticos a respeito do corpo, sobre o verdadeiro significado dessa centralidade, visto hegemonicamente pela ótica da Biologia.

Sobre isso, o Antropólogo português Jorge Crespo (1990), argumenta:

A emergência do corpo processa-se no quadro de uma profunda crise de civilização e de civilizações e, à primeira vista, poderia entender-se como reflexo da crise do próprio Estado, porventura enfraquecido na sua missão de utilizar o corpo como instrumento privilegiado no controlo e regularização das condutas humanas. Em qualquer caso, julga-se que as novas maneiras de pensar, sentir e agir o corpo são indicadores de uma mudança. E a questão que se pode formular é a seguinte: o fenómeno traduz uma verdadeira libertação do corpo, relativamente a antigos constrangimentos ou, pelo contrário, não representa mais do que uma forma, porventura subtil, utilizada pela sociedade para continuar a exercer a repressão? (CRESPO, 1990, p.08).

A problemática levantada por Crespo é o pressuposto filosófico inicial que esta pesquisa levou em conta quando se propôs a estudar o fenómeno do culto ao corpo. Comportamento bastante característico da relação do indivíduo contemporâneo com seu corpo, que ao ser estudado, vai revelando uma clara ligação com a segunda hipótese levantada pelo antropólogo português, ou seja, um processo de crescente alienação do homem frente às estruturas sociais. Alienação que ocorre de forma bastante refinada, e busca uma adesão a ideologia hegemônica sem que o próprio indivíduo se de conta. Sobre isso o professor José Leon Crochik explica:

Se antes o indivíduo podia aderir à ideologia pela sua racionalidade, atualmente a adesão deve envolver mecanismos psicológicos que impeçam de perceber a sua irracionalidade, ou então que permitam a sua convivência com ela, uma vez que passa a defender idéias contrárias à autoconservação individual (CROCHIK, 1999, p. 22).

O fenómeno do culto ao corpo parece ser um exemplo bastante ilustrativo dessa adesão ao sistema que o reifica.

Revelações que, primeiramente confirmam as críticas feitas por outros estudos¹, e podem servir de alerta para os discursos sobre o corpo que levam em conta apenas as explicações biológicas. Discursos que fundamentam práticas que rompem com as tensões entre natureza e cultura, naturalizando todas as explicações sobre o corpo, reduzindo-o a uma funcionalidade mecanicista e generalizável, que oferece as condições necessárias, técnicas e éticas, para se determinar, por exemplo, quem deve viver ou morrer (ou melhor, não nascer) na sociedade do consumo. Alienando a consciência e alienando o futuro às determinações de, quem sabe, grupos transnacionais da indústria farmacológica ou de investimento especulativo, os novos donos do poder global.

Rouanet alerta para os perigos das tecnologias genéticas, num mundo regido pela ética do consumo e do lucro:

Assim a criação de identidades humanas baseadas no DNA, pode resultar numa nova forma de estratificação social, em que uma “elite genética”, composta das pessoas mais saudáveis e mais inteligentes subjuga a casta inferior, composta das pessoas biologicamente desfavorecidas, predestinadas por seu nascimento a uma condição servil. A escravidão está na lógica do vínculo que se estabelece entre o sujeito e o produto de manipulação genética (ROUANET, 2003, p.58).

Este trabalho não vai abordar de maneira direta as questões relativas aos discursos ligados à tecnologia genética, mas é ponto fundamental desta pesquisa apontar para a necessidade de se entender o corpo, e suas manifestações contemporâneas, a partir de uma visão ampla e que contemple decisivamente a visão da Filosofia,

¹ Por exemplo: A Ciência do Corpo, de Aduino Novaes; As Máquinas Falantes, de Maria Rita Kehl; Novas Fronteiras entre Natureza e Cultura, de Renato Janine Ribeiro; O Homem-Máquina Hoje, de Sérgio Paulo Rouanet, todos eles em O Homem Máquina, A Ciência Manipula o Corpo, Organizado por Aduino Novaes, 2003. Também em, Da Cultura do Corpo, de Jocimar Daólio, 2003, ou, Bertolli Fº e Obregon, Corpo, Educação e Comunicação, Rev. Ciência Educação, Bauru, v. 6, n. 1, p. 57-63, 2000, entre outros.

Antropologia, Sociologia, Psicologia, História, em suma, que incorpore em sua análise os estudos relativos à área das Humanidades, como única possibilidade de tentar compreender o corpo na dimensão multidisciplinar em que está situado, e com isso ter armas mais eficientes na luta para a reversão de um processo de reificação humana que não cessa de crescer.

Buscar uma visão ampliada sobre os discursos a respeito do corpo, e mais especificamente sobre o fenômeno do culto ao corpo, é o compromisso desse trabalho. Trabalho este, que tem como objetivo específico; interpretar os motivos que levam uma quantidade cada vez mais extensa da população a se relacionar com o corpo de uma forma obsessiva e instrumental, buscando através de determinados estereótipos estéticos veiculados pela mídia, o modelo a ser copiado. Essa relação narcisista com o corpo, Codo e Senne (1985), denominaram de *Corpolatria*, conceito que fundamenta nosso olhar sobre o culto ao corpo.

Assim, primeiramente este trabalho procurou estudar o processo de desenvolvimento das estruturas psíquicas do indivíduo, observando: as formas do desenvolvimento da consciência, seus mecanismos de interação com o mundo exterior e com o seu próprio desejo, os processos de identificação e de defesa do sujeito, etc. Buscando com isso compreender as formas de organização do narcisismo, conceito psicanalítico consagrado por Freud, retirado da mitologia, e que esclarece de maneira contundente os princípios do fenômeno do culto ao corpo a partir de um olhar sobre as determinações do inconsciente nas condutas humanas. Estudo que é fundamentado, como já foi dito acima, em Freud, e referenciado por alguns outros pesquisadores freudianos.

Posteriormente, fomos pesquisar na História do corpo no ocidente os principais elementos que determinaram as formas de viver a corporalidade do homem, buscando entender o contexto sócio cultural que ao longo do tempo foi transformando a relação corpo – indivíduo – sociedade, até chegarmos ao culto ao corpo contemporâneo. Esta relação do homem com seu corpo, estabelecida hoje, sabemos todos, é fruto de um longo processo histórico, Marx afirma:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como bem entendem; não a fazem sob circunstâncias que escolhem por si mesmos, mas sob circunstâncias já existentes, dadas e transmitidas desde o passado. A tradição de todas as gerações mortas pesa como um pesadelo sobre os cérebros dos vivos (MARX, 1997, p.43).

Este pressuposto histórico, fundamentado, como sabemos todos, no materialismo histórico dialético, é a inspiração desta pesquisa, elaborada a partir de um estudo bibliográfico, vai fundamentar seus dados sobre as estruturas sócio-culturais a partir de Marx, Walter Benjamin, Adorno, Horkheimer, Gramsci, Lasch, e também outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que tem nesses pensadores o alicerce de seus trabalhos.

Assim, analisamos os condicionantes que determinaram a dessacralização do corpo na Renascença e sua mecanização, abrindo caminho para sua banalização. Ao mesmo tempo em que, a partir da Revolução Industrial, este mesmo corpo, se transforma em mais valia, modificando radicalmente a relação do homem com a sociedade, pois tem no trabalho fabril um instrumento de relação passiva com a vida. Assim, o homem se aliena do mundo exatamente no espaço que deveria servir para torná-lo criador participativo e consciente do mundo.

Posteriormente, estudamos o processo de empobrecimento da subjetividade humana, constituído a partir de sua alienação pelo trabalho, mas ampliado para os espaços de não trabalho, de formas variadas, buscando no esporte moderno, na sexualidade, no cinema, etc, formas de sentir, pensar e agir dos indivíduos que reflitam os interesses do capitalismo burguês.

Identificamos o momento da ressacralização do corpo, seu contexto sócio-político e como gradualmente vai ganhando espaço na sociedade, até transformar-se no principal elemento de contestação da cultura burguesa pela contracultura. E posteriormente, a cooptação da contracultura, que se transforma numa nova fatia de mercado capitalista. Início do capitalismo de consumo.

Na seqüência analisamos como este movimento histórico percorrido pelo corpo ao longo do tempo vai desembocar numa cultura narcisista, que o transforma em objeto “fetichizado”, semelhante a qualquer outra mercadoria exposta nas prateleiras de uma loja. E, ao mesmo tempo, em instrumento principal de fetiche, substituto das relações eróticas com o outro, transforma-se em objeto sexual para a adoração do próprio sujeito. Narciso enamora-se da sua imagem nos espelhos do shopping center.

As considerações finais se referem ao papel que a Educação pode desempenhar nesse contexto social, tendo o corpo e mais especificamente o culto ao corpo como tema de reflexão crítica para um maior entendimento do mundo.

CAPÍTULO I

NOS TEMPOS DE NARCISO:

O CULTO AO CORPO

E AS EXPRESSÕES DO INCONSCIENTE

O MITO DE NARCISO

A ninfa Liríope foi aprisionada pelo rei Cefiso, deus fluvial, famoso por sua insaciável energia sexual que a engravidou, dando a luz a um menino de beleza extraordinária, Narciso, que ao mesmo tempo que encantava a todos, constituía-se num imenso perigo, pois beleza fora do comum é atributo apenas das divindades, sendo passível de punição quando tal atributo se refere aos mortais, explica Brandão (1989)

O autor continua; Liríope, preocupada com o futuro de seu filho, procura Tirésias, um sábio reconhecido pelo poder da adivinhação. Este informa que Narciso viveria tranquilamente até a idade madura, mas não poderia jamais ver a própria imagem. E assim sucedeu-se, Narciso tornou-se um jovem belíssimo, desejado por todas as jovens, mas era indiferente a elas. Entre as jovens havia a ninfa Eco, que fora condenada por Hera, esposa de Zeus, a nunca mais falar, apenas repetir os últimos sons das palavras que ouvisse. No encontro dos dois, Narciso a rejeita e Eco envergonhada, se isola de tudo e de todos, terminando por fim, transformada num rochedo e condenada a repetir os últimos sons que lhe foram proferidos.

A deusa da justiça Nêmesis, ainda segundo Brandão (1989), é interpelada pelas ninfas que ficaram revoltadas com o destino de Eco, e aplica a Narciso um castigo mortal. Este, ávido por água, num dia de caçada, se aproxima de um lago e quando se abaixa para beber, observa um vulto dentro do lago, e ao fitá-lo, fica enfeitiçado com a imagem vista, por quem se apaixona perdidamente, mas é impossibilitado de concretizar sua paixão, Narciso permanece na beira do lago, de onde nunca mais saiu, definhando-se até a morte. E no local onde Narciso morre, é encontrada uma flor; amarela, solitária e estéril chamada Narciso.

Narciso vai buscar em si mesmo a completude que não encontrou na relação com o mundo, porém ao voltar-se para si próprio, ao imaginar que poderia bastar-se em si mesmo, Narciso iludido, encontra a morte.

A cultura grega, berço da cultura ocidental, sempre foi fonte inspiradora e base conceitual dos grandes pensadores do mundo moderno, que se serviram da retórica dos Sofistas, mestres na arte de convencer, persuadir e seduzir; da Filosofia Helênica de Platão, Sócrates e Aristóteles, nossa base conceitual; dos Epicuristas e sua aproximação com o prazer e a sensibilidade; da pedagogia moral dos Estóicos fundada por Zenão; entre muitos outros pensadores, que formaram o alicerce onde se construiu nossa cultura, é a base clássica do conhecimento ocidental. Calvino define de maneira definitiva o significado dos clássicos; “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (1993, p.11), essa é também a dimensão da cultura grega antiga.

Assim como o pensamento filosófico grego se constitui na base do pensamento ocidental, também a mitologia grega é referência central para compreendermos o inconsciente humano. Os mitos, talvez se apresentem como os “sonhos” de uma civilização, na medida em que expressa por símbolos carregados de significados, a maneira como uma determinada cultura interpreta a vida.

O professor e lingüista Milton Almeida, se refere assim ao mito, citando Groz:

O mito é um meio para expor o verossímil. Se excluirmos os casos limites de narrações alegóricas de finalidades essencialmente lúdica ou pedagógica, simples “auxiliares” a serviço da reflexão ou da compreensão, o mito, intervindo onde a dialética torna-se inoperante, não pode aspirar à verdade: ele pressupõe, como bem mostrou Victor Brochard², uma hipótese plausível, embora não verificável, ele sugere o provável. Este

² O mito é a expressão da probabilidade. V. Brochard, s/d.

provável, no entanto, não deve ser subestimado: se ele é aquilo que tudo abarca, tendo em conta os limites de nossa razão, podemos dizer melhor que talvez possa ser também o objeto de uma forte adesão interior, de uma intensa certeza íntima³ (ALMEIDA, 2006, p.103).

Nesse sentido, quando olhamos para o comportamento das pessoas, nas esferas públicas ou privadas, observando as relações intrapessoais ou interpessoais, parece que o mito de Narciso se tornou o novo paradigma da sociedade contemporânea, uma referência central para a sociedade de consumo.

Um comportamento visível; no exibicionismo, na avidez em se aproximar das celebridades, ou tornar-se uma delas, na frieza afetiva das relações. Contudo, parece que a expressão mais característica, e provavelmente mais massificada da expressão narcísica encontra-se na relação com o corpo, no culto ao corpo, que passa a ser interpretada como necessária e adequada aos tempos atuais.

“E o mito se fez carne”, assim a professora Iray Carone se refere a esse fenômeno, para ela o mito deixou de ser imagem literária para constituir-se de realidade cotidiana, Carone não poderia ser mais incisiva: “o mito de narciso está vivendo agora o seu momento antipoético, tamanha é sua realidade. O belo Narciso entrou no curso do mundo convertido em uma nova espécie antropológica e urbana virtualmente ameaçadora no seu profundo vazio amor de si” (AMARAL, 1997, p.13).

Ocorre que este fenômeno se manifesta com características bastante específicas. Longe de ser uma relação ligada a uma melhora da qualidade de vida, o fenômeno do culto ao corpo se apresenta através de uma preocupação obsessiva e exacerbada com o próprio corpo, buscando ajustá-lo a estereótipos estéticos veiculados pela mídia,

³ G. Droz, Les Mythes Platoniciens, Paris, Éditions Du Seuil, 1992.

valendo-se de muita disciplina, renúncias e sacrifícios. Essas características foram denominadas por Codo e Senne (1985) de Corpolatria. Conceito que adotaremos como norteador das reflexões a respeito das relações corporais na contemporaneidade

Este tipo de comportamento aumenta em proporção geométrica, atingindo crianças, jovens e adultos, homens e mulheres, e que hoje se expande pelo globo, instrumentalizado pelas tecnologias de comunicação e a necessidade de explorar novas áreas de mercado.

EXPLICITANDO O PROBLEMA – O FENÔMENO DA CORPOLATRIA

O fenômeno de cultuação do corpo, exacerbando a preocupação com as formas, na tentativa, nem sempre bem sucedida, de modificação/reconstrução do corpo, parece apontar para a idéia, muito presente na sociedade contemporânea, que enaltece o pragmatismo como regra fundante, onde a felicidade é um bem objetivo e material. E que, portanto, deve ser encontrada no consumo.

Baudrillard (1991) diz que hoje, na sociedade de consumo, se “mede” a felicidade pelo número de bens materiais que o indivíduo consegue comprar. É a matematização do estado de espírito.

O cuidado exacerbado com o próprio corpo parece apontar para a idéia de que a felicidade é um bem de consumo, que se pode comprar com a modificação/reconstrução do corpo. Neste sentido a felicidade parece se transformar em fetiche, assim como o

corpo se torna um instrumento de fetiche, substituindo desejos não realizados numa sociedade, que hoje reprime não pela proibição, mas pela permissividade.

Vejamos o caso da campeã brasileira de cirurgia plástica⁴.

Angela Bismarchi, 36, se submeterá à sua 42ª cirurgia plástica, aproximando-se do recorde mundial, atestado pelo “Guinness Book”, de 47 operações da norte-americana Cindy Jackson, de acordo com a AP. A modelo carioca colocará fios de nylon sob as pálpebras para ficar com uma aparência oriental. A intenção é homenagear o centenário da imigração japonesa, tema do enredo da escola de samba Porto da Pedra⁵

O corpo parece ser visto como um objeto destituído de qualquer outra significação que não seja o de oferecer o impacto visual necessário ao show. Uma peça ajustável às novas expectativas sociais. Por isso deve ser manipulado, modificado e reconstruído, mesmo que seja apenas para um evento temporário e efêmero.

Segundo site oficial da modelo⁶, todas as suas cirurgias são de cunho estético, e se estendem do rosto até sua vulva. São elas: cinco cirurgias de aumento das mamas, uma para levantamento das sobrancelhas, uma para aumento dos lábios, um para “melhorar” o nariz, nove microlipoesculturas, duas de dimple mentoniano (furo no queixo), dez subincisões para celulite, quatro hidrolipoaspirações, duas correções de pálpebras, duas de aumento das nádegas, duas rinoplastias, duas na vulva, além da descrita anteriormente, feita para “orientalização” dos olhos. Entre as cirurgias que pretende fazer, está a de reconstrução do hímen, para “voltar” a ser virgem.

Quando alienamos nosso corpo a um determinado modelo de estética, buscando assim, conseguir status social, para atingir um mínimo de satisfação através da mimesis;

⁴ Até o ano de 2009, data desta pesquisa, pois sabemos muito bem que a competição é feroz e ininterrupta.

⁵ Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 28.01.2008.

⁶ www.angelabismarchi.com.br/home.htm

da aproximação com formas veiculadas pela indústria cultural, que sabemos bem, está subordinada ao mercado sempre em transformação. Temos então, necessariamente, um corpo que deve se ajustar às diferentes tendências, portanto, deve ser constantemente atualizado. Seguindo essa lógica, quarenta e duas cirurgias plásticas são absolutamente naturais, especialmente quando levamos em conta que o corpo, alheio aos critérios estéticos impostos pelo mercado, tem uma tendência "condenável" de se deteriorar com o tempo.

Dentro dessa perspectiva parece ser necessário, uma relação de absoluto ascetismo com o corpo, onde disciplina e fidelidade formariam o ponto de partida para se conseguir, pela imagem corporal, a passagem para a felicidade humana. Assemelhando-se com isso aos ritos religiosos, então, fé, reclusão, penitências, sacrifícios e milagres são características que paulatinamente ganham hegemonia na relação das pessoas com seu corpo.

Porém, como estamos vendo, o culto ao corpo, que nesta perspectiva exacerbada estamos chamando de corpolatria, é na verdade o culto a um determinado padrão de corpo e de beleza. Não basta agora desenvolver a força corporal, ganhar resistência cardiopulmonar ou manter o tônus muscular, tendo como parâmetro o próprio desenvolvimento e bem estar, que entendido apenas na perspectiva individual, também é bastante problemática.

A meta é refletir a imagem de algum *sex symbol* eleito pela indústria cultural, de beleza efêmera, normalmente com prazo de validade marcado para terminar no final do verão, porém com força suficiente para determinar qual é o parâmetro de sucesso ou fracasso na busca da felicidade característica do mundo contemporâneo. Felicidade esta, centrada no próprio umbigo, buscando bastar-se em si mesmo e cada vez mais afastado do "outro".

A força desta nova relação com o corpo, deste novo modelo de corpo, retirado da dinâmica construída pela indústria cultural, atinge em cheio os adolescentes, ávidos por novidades, e presas cientificamente estudadas pela/para a voracidade de novos mercados. São eles que cada vez mais alimentam essa grande fatia de mercado, como mostra reportagem abaixo:

A insatisfação com o próprio corpo numa sociedade que prima pela estética tem levado muitas adolescentes aos consultórios de cirurgia plástica. De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), das mais de 700 mil cirurgias realizadas no Brasil, 15% são em adolescentes. Há 10 anos este índice era de menos de 5%. N.L.R., 17 anos, passou por duas cirurgias plásticas. Fez uma lipoaspiração para retirar algumas gordurinhas localizadas na barriga e colocou silicone nos seios. Ela contou que a partir dos 16 anos começou a se incomodar com essas partes do corpo. “Principalmente o tamanho dos seios”, afirmou. A adolescente usava tamanho 42. Com a prótese mamária passará a usar 44. (...) Chegou ao consultório com a mãe, a tia e a prima de 22 anos. “Elas iam fazer e eu também quis”, contou⁷.

A Psiquiatra J. L. Rosenberg (2004) relata em seu livro alguns casos exemplares da constituição psíquica e das interações sociais do jovem nessa obsessão por um corpo idealizado e aponta algumas de suas conseqüências:

Carlos, 17 anos, religiosamente iniciava sua rotina de exercícios: esteira, aparelhos abdominais. Dava preferência aos aparelhos de musculação, começou exercitando meia hora, aumentou para uma hora, duas horas, e às vezes perdia a noção do tempo e após quase três horas a energia parecia ter aumentado, assim como aumentava o desinteresse por outras coisas que muitas vezes o levava a faltar do cursinho.(...) Qualquer tempo livre era usado em alguma atividade física, ou buscando na internet novos métodos para conquistar o quanto antes o tão sonhado look de Schwarzenegger. Quase previsível, um “bem intencionado” instrutor da academia, sugeriu que ele poderia obter mais massa muscular usando algumas injeções. Também sabia de uma farmácia que aplicava mediante uma taxa extra, pois não teria

⁷ Jornal de Londrina, 07.01.2008; Erika Pelegrino – Fascínio por cirurgia plástica na adolescência requer atenção.

receita médica. Foi o início do fim. O resultado foi incrível, os efeitos colaterais desprezados. Pobre rim, pobre fígado, pobre corpo. Muitos passaram a elogiá-lo e a idéia de perder seu novo status o apavorava. Qualquer comentário a respeito de seu comportamento isolado e arredo era motivo para ele reagir raivosamente e com muita impaciência. Tornou-se um prisioneiro em uma cela de músculos (ROSENBERG, 2004, p41/42).

O corpo idealizado pela sociedade contemporânea, certamente estabelece múltiplos critérios estéticos, comportamentais e psicológicos, critérios estes, que discutiremos mais a frente, por ora, fica apenas a necessidade de apontar aquele que é, provavelmente, o de maior implicação na vida das pessoas, especialmente para a mulher – o corpo magro.

Sobre ele Rosenberg (2004), faz um relato hoje bastante cotidiano na vida de muitas adolescentes:

Os pais de Luana foram chamados com urgência na escola após ela ter desmaiado durante a aula de educação física. A mãe não pode ir por estar viajando, e o pai muito alarmado, chegou pouco depois, e vendo a filha um pouco melhor começou a reclamar com ela por causa dos “regimes loucos” que ela andava fazendo. A posição de impotência do pai, perante a frieza e impassividade de Luana era comovente, ficou evidente que este era um confronto diário, sem o mínimo resultado. Com sua aparência frágil, de 40 Kg distribuídos no seu 1,68 m. Luana, 14 anos é a mais velha dos três filhos do casal, foi sempre uma criança muito organizada e boa aluna na escola. Sentir-se aceita era questão de honra. Havia uma necessidade de perfeição em tudo que fazia, e era por isso muito elogiada. Há um ano começou a reclamar que suas coxas estavam muito grossas e que seu tornozelo era gordo. Resolveu parar de comer, e conseguiu esconder este fato dos pais, até saírem de férias, depois criou-se uma situação tensa, com os pais obrigando-a a se alimentar. Foi difícil para Luana, que se sentiu deprimida, e chorava muito com medo de recuperar o peso perdido. Com o início do ano letivo ela recomeçou sua rotina fingindo que comia. As amigas começaram a se preocupar com ela. Luana estava feliz, estava com controle total do que fazia e a fome que sentia no início tinha sido dominada. Apesar da magreza visível a todos, ela “via” gordurinhas, e a idéia de ganhar um grama que fosse a aterrorizava. Não sentia cansaço, mas o

corpo começou a mostrar sinais de sua missão. Pressão baixa e batimentos cardíacos baixos, diminuição de densidade óssea, podendo levar a osteoporose e maior facilidade de fraturas, colesterol elevado, a pele amarelada, seca e escamosa, perda de cabelo, penugem fina no rosto, intolerância ao frio, interrupção da menstruação. A reversão desse quadro só ocorreu a muito custo e a partir de uma intervenção multidisciplinar, envolvendo endocrinologista, psiquiatra, nutricionista, mas ainda assim, ocasionalmente ainda ocorre uma recaída (ROSENBERG, 2004, p59-60).

Exemplos desse comportamento obsessivo com o corpo podem ser citados aos milhares. E são exatamente casos como esses últimos, pertencentes ao cotidiano social, encontrados principalmente em adolescentes (mas, sabemos bem, não só entre eles), indivíduos anônimos do dia a dia, situados para além das personalidades midiáticas, que o estudo do culto ao corpo encontra sua maior relevância. Neste sentido, uma relevância pedagógica.

CULTO AO CORPO E EDUCAÇÃO

O jovem se vê cercado de representações, onde o corpo se configura, cada vez com mais força, num elemento identificador de status social. Somado a isso, esse jovem vive um momento particularmente especial em sua vida, onde a aceitação social é crucial para a afirmação de sua identidade.

Assim temos; um jovem que busca ser reconhecido/acolhido pelo grupo de pares, e o corpo como elemento fundamental de sociabilidade.

Por outro lado, os estudos de Bertolli F^o e Obregon (2000), por exemplo, mostram que a escola, que poderia ser um espaço de reflexão ampliada sobre a temática do corpo, na verdade vem abordando-o hegemonicamente pela ótica de seu funcionamento biológico. Visão, que fechada em si mesma, empobrece e mecaniza o corpo, e, logicamente, não responde aos anseios mínimos desse jovem, ávido por compreender esse organismo de múltiplas significações e que se modifica velozmente, nos seus desejos, na sua estética, nas suas capacidades e representações, e, por isso mesmo, ele convive com essas transformações corporais de maneira temerosa, chegando em muitos casos, como estamos vendo de forma assustadoramente crescente, a uma relação doentia.

Bertolli F^o. e Obregon (2000), em sua pesquisa de campo sobre o estudo do corpo na escola, mostram que esse jovem, ao não ter suas dúvidas respondidas, nem dentro da escola, e muito menos dentro de casa, toma as informações veiculadas pela mídia como referências mediadoras de sua relação com o corpo: Eles mesmo explicam:

Na tarefa de se apresentar ao mundo, a mídia exerce um papel primordial. Bem mais do que os ensinamentos obtidos em aula, os adolescentes disseram-se instruídos e seduzidos pelas mensagens a que têm acesso através da televisão, das revistas direcionadas para esta parcela do público à qual pertencem e, em menor escala, pela Internet. A indústria da moda, recitada como exemplo pelos depoentes, tende a pontificar a reprodução de modelos corporais representadas por mulheres magras, algumas quase anoréxicas, induzindo muitas jovens a se submeterem a dietas que, sem qualquer tipo de acompanhamento, podem ter conseqüências graves à saúde. Algumas adolescentes confidenciaram que, desprovidas de outros tipos de orientação, inclusive por parte de seus professores, adotaram dietas preconizadas pela mídia, mesmo quando não estavam acima do peso recomendado, buscando aproximarem seus corpos às imagens de algumas *top models* cujos nomes foram soletrados com precisão e sem qualquer reticência: Claudia Schiffer, Kate Moss e Naomi Campbell (BERTOLLI F^o E OBREGON, 2000, p.57).

Ora, se hoje, é a mídia a grande referência pedagógica a respeito das significações do corpo, no seu símbolo de sociabilidade, nas representações sócio-culturais do esteticamente aceitável, nas práticas e cuidados com o corpo e conseqüentemente nos modelos a serem imitados. Se sua força pedagógica está ligada a um ilimitado poder econômico, investido em técnicas e tecnologias de comunicação, instrumentos primordiais na reprodução dos ideais de uma sociedade, baseada no consumo e no lucro, construindo uma dinâmica onde modelos, práticas e símbolos corporais, se fundamentam nas leis do mercado, que aprisiona a todos em estereótipos, que nada mais são do que a expressão das necessidades da sociedade de consumo.

Neste contexto de controle total da subjetividade pela técnica/tecnologia, os jovens parecem ser presas fáceis (e como já foi dito anteriormente, não só eles), onde os interesses implícitos e explícitos são reproduzidos por imagens espetacularizadas, que em sua estética do movimento incessante, não oferece margem para nenhum tipo de reflexão. Cria necessidades fugazes - cria um mundo de fetiche - que elimina a própria consciência de sua alienação. Sentem-se felizes na sua condição alienada. Sentem-se felizes em reproduzir os comportamentos e hábitos proscritos pela mídia, travestidos de imagens de modelos e atrizes.

Muitos profissionais da educação, ao ignorarem o contexto onde essas relações são travadas e restringirem seu olhar para o fato isolado, dizem não terem como trabalhar, já que “são aspirações do jovem de hoje, (...) eles são assim” (BERTOLLI Fº E OBREGON, 2000), afirmação que tem estreita ligação com as explicações dos chefes de redação e grandes diretores de agências de publicidade, que justificam a dimensão (quem sabe o termo correto não fosse - a covardia) de seus trabalhos, a partir do interesse de seu público.

Sobre isso, Adorno e Horkheimer são precisos:

A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem sucedidos. Elas têm o desejo deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza. O amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz, chega a se antecipar à astúcia das instâncias de controle (ADORNO E HORKHEIMER, p.110).

A descrição é ao mesmo tempo brilhante e terrível; brilhante, na medida em que expressa uma verdade incontestável, presenciada na primeira metade do século XX, e que ao longo do tempo, só ganha força, vindo a tornar-se um dos símbolos denunciadores da sociedade contemporânea; e, terrível, quando percebemos o alcance de sua desumanização.

Nesse sentido, pesquisar a respeito da corpolatria, pode ser um instrumento de auxílio para educadores que lidam com essa problemática cotidianamente a buscarem abordar o problema de maneira mais ampla, profunda e contextualizada, fugindo de idéias construídas a partir do senso comum, verdadeiras armadilhas, ou quem sabe, justificativas, para o imobilismo pedagógico e certamente um tipo de ação educativa alienada e alienante.

Assim, entender os fundamentos que determinam a cultuação exacerbada do corpo, certamente é a forma mais consistente de se buscar estratégias pedagógicas para se lidar com o problema.

Então, dentro desta perspectiva de entender os princípios que levam as pessoas à corpolatria: primeiramente, vamos tomar como ponto de partida, a análise da formação

das estruturas psíquica do indivíduo e sua configuração na construção das identificações. A idéia é buscar entender o papel do inconsciente na relação com o fenômeno do culto ao corpo, observando suas determinações, causas e conseqüências. Faremos isso nos fundamentando, principalmente em Freud e seus estudos sobre o Narcisismo, e alguns outros pesquisadores com estudos consistentes dentro da perspectiva freudiana.

Posteriormente vamos pesquisar o papel das estruturas sócio-culturais na incorporação do fenômeno da corpolatria, para isso, buscaremos na história do homem com seu corpo, caminhos percorridos pela sociedade ocidental que determinaram o empobrecimento generalizado da corporalidade na contemporaneidade.

É nesta relação dialógica/dialética entre indivíduo e sociedade, entre as estruturas psíquicas e as estruturas sócio-culturais, que acreditamos estarem as marcas mais profundas que podem responder as causas da corpolatria.

O CONCEITO DE NARCISISMO

O Narcisismo, como conceito psicanalítico, foi consagrado por Freud, retirado, como sabemos, do mito de Narciso. Sua etimologia vem do grego *narke* que significa torpor⁸. Etimologia esta, que reflete diretamente o simbolismo do mito de Narciso, ao lembrar o estado de entorpecimento que este se encontra em sua paixão por sua própria imagem.

⁸ NARKE, também é a raiz etimológica da palavra narcótico.

Porém não é com Freud que o conceito de Narcisismo aparece pela primeira vez na Psicanálise, mas sim, com Paul Näcke, em 1899, que descreve o comportamento de pessoas que “tratam o próprio corpo como se trata um objeto sexual, contemplando-o, adorando-o, acariciando-o, buscando nele satisfação completa” (FREUD, [1914] 1974, p.248).

Segundo Lira e Silva (2005), o termo Narcisismo surge na obra de Freud pela primeira vez em 1905, no texto: Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, onde explica a escolha de objetos pelos homossexuais, tomando a si mesmos como objetos sexuais, pois buscam pessoas parecidas com eles para amar, do mesmo modo que suas mães o amaram na infância. Posteriormente Freud estudou o narcisismo numa outra perspectiva, relatado em Leonardo Da Vinci e uma Lembrança de sua Infância, de 1910, onde diante da perda de um objeto de investimento libidinal,⁹ o ego se transforma na imagem do objeto perdido.¹⁰

Mais tarde, segundo nos informa Lira e Silva (2005), Freud vai propor, em: No Caso Schreber, em 1911, o narcisismo como uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor do objeto, ou seja, um estado de desenvolvimento normal no processo de evolução da libido.

Em Totem e Tabu, de 1913, Freud vai afirmar que o narcisismo “não é um estágio passageiro da história libidinal do indivíduo, e sim uma estrutura permanente que continua a existir apesar das reestruturações libidinais posteriores” (FREUD, IN: LIRA E SILVA, 2005, p.52). O narcisismo esta envolvido na estruturação do eu.

⁹ Pulsão _ é um conceito entre o somático e o psíquico que se deriva de estímulos que tiveram origem no próprio corpo. Uma força que promove um trabalho ao psiquismo para se fazer representar na libido. Quando essa força consegue se fazer representar, aí sim é libido. Não conseguimos falar na pulsão a não ser por seus representantes. O que é da ordem da representação em nós é da ordem da linguagem, foi banhada pelo simbólico. A pulsão sexual se representa em nosso psiquismo pela libido (LAPLANCHE J. e PONTALIS J.B. ; Vocabulário da Psicanálise, 2001).

¹⁰ Convém lembrar, como informa Lira e Silva (2005), que “... com o termo libido, Freud designa a energia sexual que parte do corpo e investe nos objetos. O sujeito começa por tomar a si mesmo, ao próprio corpo, como objeto de amor”.

No texto: Introdução ao Narcisismo, escrito em 1914, Freud aperfeiçoa este conceito, colocando-o como um dos pilares de sua teoria, apresentando-o como uma “condição” do psiquismo, de onde nenhum investimento objetal ultrapassa completamente. Aqui Freud discute a possibilidade que a libido tem de reinvestir no ego, deixando de investir no objeto. “Estabelece-se, então, um equilíbrio entre a libido do ego (investimento do ego) e a libido objetal: quanto maior o investimento no objeto mais se retira a libido do sujeito e vice versa” (LIRA E SILVA, 2005, p.53).

Apesar do objetivo deste trabalho ser o de construir um entendimento sobre o conceito de narcisismo formulado por Freud; sabemos que o pensamento freudiano, através de suas várias categorias fundantes, se caracterizam pela sua interdependência. Com isso é necessário entender, ao menos minimamente, algumas dessas categorias, para se compreender como o conceito de narcisismo se configura. Neste sentido, faremos uma pequena síntese de alguns desses conceitos e suas inter conexões com o narcisismo, apesar dos grandes riscos que essa tentativa oferece.

O primeiro conceito que nos parece, mereça uma melhor explicação especialmente na sua relação com o narcisismo, é o de sexualidade e sua importância na formação da psique humana. Assim, parece ser fundamental explicitar que sexualidade não significa genitalidade, apesar desta estar incluída, ela não se constitui como o único elemento da sexualidade, ao contrário, qualquer tipo de comportamento que tenha um retorno gratificante, que gere prazer se enquadra dentro do conceito. Esse princípio é importante para o entendimento do narcisismo, na medida em que é o investimento da libido (energia psíquica da vida) voltado para ele próprio, ação esta geradora de intenso prazer, portanto, com conotação sexual, (em seu sentido freudiano), que vai ser o fator determinante da formação de sua identificação (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001).

Outra categoria fundamental para se entender o pensamento freudiano em sua extensão geral e o conceito de narcisismo de maneira mais particular, seria a Teoria da Personalidade e as suas três instâncias básicas: o Id (ou Isso), o Ego (Eu) e o Superego (ou Supereu). O Id (isso) se refere aos impulsos, nossos desejos mais primitivos, é inconsciente e sua motivação é buscar realizar esses desejos, inclusive tornando-os consciente, no início da vida somos todos Id. O narcisismo em seu princípio constitui-se numa submissão aos ditames do Id (isso).

Já o Ego (eu) seria o “sistema de conduta racional, ele é também o órgão responsável pelos processos de aprendizagem e de adaptação do indivíduo ao meio ambiente físico e social” (BARATTO E AGUIAR, 2007, p.211), se refere a um conjunto de mecanismos e processos psíquicos responsáveis pela entrada do organismo na realidade objetiva, é a instância psíquica responsável por articular os desejos, com a possibilidade ou não de sua realização. Na maior parte das vezes, não em todas, o Ego (eu) funciona de maneira consciente. A importância do narcisismo reside principalmente enquanto processo formador do Ego (eu).

Por fim, o Superego (supereu) é o representante psíquico das normas e valores sociais. Provavelmente a tensão causada pela introjeção dessas normas sociais, seja o fator determinante do narcisismo enquanto função estruturante do psiquismo se tornar em algum momento, um sintoma neurótico (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001).

NARCISISMO PRIMÁRIO E NARCISISMO SECUNDÁRIO

Freud vai distinguir o Narcisismo em duas fases que se complementam/tencionam; Narcisismo Primário e Narcisismo Secundário.

No Narcisismo Primário a criança não tem uma imagem dela mesmo, isso só vai ocorrer a partir da intervenção da figura materna, que pela linguagem vai construindo essa imagem como sendo da própria criança.

O narcisismo em sua dimensão primitiva, tem a ver com o momento em que são instauradas no sujeito, através do olhar de terceiros, essa qualidade que o define para os outros e para si mesmo. Isso tudo é o fundamental do narcisismo para cada um de nós (LIRA E SILVA, 2005, p.53).

Lacan (IN; Salles, 2005), ao explicar como se forma a identificação do Eu na criança, afirma que isso só ocorre a partir do olhar do outro sobre ela e dá como exemplo a imagem do espelho, onde a criança ao ser colocada em frente ao espelho não reconhece a imagem refletida como sendo dela mesma, é a mãe que inicia o processo de identificação da criança com aquela imagem refletida no espelho.

O Estádio de espelho é o momento mágico onde se precipita uma imagem (Freud compara o Eu a um cristal, daí a idéia de precipitação e de linhas de fratura) com a qual o sujeito se identificará (se transformará à imagem e semelhança) – precipitação que ocorre dentro de uma matriz simbólica. O eu precipitado se constitui pela imagem do outro, que funciona como espelho, fornecendo ao sujeito uma representação de seu corpo, distinta das sensações internas de sua motricidade (LACAN, 1995, p. 176, IN: LIRA E SILVA, 2005, p.57).

Essa imagem recebida do outro é a primeira forma de Eu que a criança tem. Ocorre que essa imagem é a imagem de um Eu Ideal, já que é a representação do ideal materno, é a imagem que o outro tem dele, é uma imagem enganosa, na medida em que está impregnada do desejo do outro. O Eu Ideal é formado de acordo com a imagem que a mãe fornece a criança, por isso não é ainda o sujeito.

No momento da formação do “Eu Ideal”, a criança se vê como completa, é um momento de grande júbilo, é a primeira forma de Narcisismo, necessária na constituição de todos nós, pois é a partir dessa primeira relação narcísica que se formará o ego. Lastória explica assim o narcisismo como fator de unidade psíquica:

... o narcisismo foi concebido por Freud como um processo universal e necessário à formação do *Eu*. Entre o auto-erotismo da criança e o amor que resulta da possibilidade de investimentos libidinais por parte do eu em objetos animados ou inanimados circundantes, o sujeito começa a tomar a si mesmo, ao seu próprio corpo, como objeto de amor (homossexualismo infantil). Isso ocorre uma vez que, após a perda do seio materno, verifica-se uma retração da libido em torno de si mesmo. Será por meio da percepção infantil do corpo que este constituir-se-á na primeira imagem de unidade auto-referente a qual a criança têm acesso. De um ponto de vista genético, portanto, a constituição do "eu" como unidade psíquica será correlativa à constituição do esquema corporal. A esse respeito, nos diz Freud: “El yo es, ante todo un ser corpóreo, y no solo un ser superficial, sino incluso la proyección de una superficie”¹¹. Por outro lado, tal unidade é também precipitada pela imagem que o sujeito adquire de si mesmo segundo o modelo do outro. Nesse caso, o narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem (LASTÓRIA, 2004, p. 146).

Esse Eu Ideal será abalado com o “Complexo de Castração” (na teoria freudiana, se refere ao medo da perda do pênis no menino, e a inveja do pênis na menina), que representa simbolicamente uma introjeção dos valores morais e éticos que redimensionam a idéia de completude formada pelo Eu Ideal.

¹¹ Freud, 1981, p.279.

Assim, para Freud o amor dos pais aos filhos é o narcisismo dos pais transformado em amor objetal, então o narcisismo primário seria o encontro entre o narcisismo próprio do bebê e o narcisismo renascido dos pais.

Já o Narcisismo Secundário, é aquele que se refere diretamente ao objetivo deste trabalho (e resultado do narcisismo primário), ocorre a partir de dois momentos, a saber: primeiramente ocorre o investimento libidinal nos objetos e posteriormente este investimento volta para o próprio ego.

Assim que o bebê consegue identificar seu corpo do resto das coisas do mundo, ele busca identificar suas necessidades e quem pode satisfazê-las. Com isso o bebê dirige suas pulsões sexuais para um objeto, normalmente é a mãe e o seio. Porém, a criança, com o tempo vai percebendo que ela não é o único desejo da mãe, este fato é o corte, necessário que se faz ao narcisismo primário, com isso a criança vai agora, buscar amar-se pelo outro. Porém, mesmo após ter escolhido um amor objetal, o indivíduo pode retornar a buscar amar a si próprio.

Então, o narcisismo secundário, para Freud é fruto da retração da libido para os objetos externos e que são redirecionados para o próprio indivíduo. É interessante observar, que uma das formas de estudar o narcisismo se originaram da observação de casos sobre a demência precoce e a esquizofrenia, que Freud chamou de parafrênicos.

No caso da esquizofrenia, onde o indivíduo deixa de se interessar pelo mundo externo, Freud pergunta sobre o destino que o sujeito esquizofrênico dá para sua libido. E responde:

A mania de grandezas, característica destes estados, indica-nos a resposta, pois constitui-se certamente à custa da libido, objetivada. A libido subtraída do mundo exterior foi conduzida ao Eu, surgindo assim um estado ao qual

podemos dar o nome de narcisismo. Mas a própria mania de grandezas não é algo novo, mas como já sabemos, a intensificação e concretização de um estado que já vinha existindo, circunstância que nos leva a considerar o narcisismo gerado pelo refluxo ao Eu das cargas de libido do objeto, como narcisismo secundário, baseado no narcisismo primário encoberto por diversas influências (FREUD [1914] 1974, p.250).

A libido é retirada das “coisas do mundo” e volta para o próprio indivíduo, fenômeno recorrente, inaugurado ainda na primeira infância, mas que estava em estado de latência, que se potencializou na medida em que o indivíduo não consegue encontrar motivação para investir sua libido em objetos externos.

Outra forma de acesso ao estudo do narcisismo encontrado por Freud, diz respeito à vida erótica humana. Aqui Freud observa a forma como as pessoas escolhem seus objetos sexuais a partir de suas experiências de satisfação.

Para ele, as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas têm uma relação direta com a conservação de nossas funções vitais, nossa sobrevivência.

Os instintos sexuais apóiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu e, só posteriormente, se tornam independentes destes últimos. Mas, esta relação mostra-se também no fato de que as pessoas, às quais esteve encarregada a alimentação, o cuidado e a proteção da criança, são seus primeiros objetos sexuais, ou seja, em primeiro lugar, a mãe ou seus sub-rogados (Ibidem, p.262).

Para este tipo de escolha de objeto, deu o nome de “*tipo de aposição*”¹² (*Anlehnungstypus*).¹³ Mas, foi outro tipo de escolha de objeto que o deixou surpreso, e

¹² Introdução ao Narcisismo [1914] 1974, p. 262.

¹³ Alguns autores vão chamar de tipo anaclítico ou de apoio. Mariangela Bento em: *Narcisismo e Desamparo - Reflexões*. Seminário, Narcisismo e Identificação, publicado no jornal Acto Falho, São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, ano 5, n° 6, p. 6, abr. 1999.

que tem uma representação direta com o objeto de estudo deste trabalho – o tipo narcisista.

Neste caso, a escolha não se dará segundo a imagem materna - mulher nutriz - ou paterna – homem protetor – mas sim, a partir de sua própria imagem. Este tipo de escolha acontece quando a libido tem algum tipo de interdição em seu desenvolvimento.

Verificamos que muitas pessoas, especialmente aquelas em que o desenvolvimento da libido sofreu alguma perturbação, por exemplo, os perversos e os homossexuais, não escolhem o seu ulterior objeto erótico, segundo a imagem materna, mas conforme a sua própria pessoa. Demonstram procurar-se a si mesmos como objeto erótico, realizando assim a escolha de objeto, conforme um tipo que podemos chamar narcisista. (Ibiden, p.262).

Freud (1974) vai relacionar esse tipo de escolha de objeto erótico voltado para si próprio, do tipo narcisista, como de maior predominância nas mulheres, e aquele voltado para o objeto, do tipo oposição (ou anaclítico), característico dos homens. Porém faz uma ressalva:

Quiçá não seja inútil assegurar que esta descrição da vida erótica feminina não implica qualquer tendência a diminuir a mulher. Além de ter o hábito de manter-me rigorosamente afastado de toda tendência, sei muito bem que estas variantes correspondem à diferenciação de funções num todo biológico extraordinariamente complicado. Mas, outrossim, estou disposto a reconhecer que existem muitas mulheres que amam conforme o tipo masculino e desenvolvem também a superestimação sexual correspondente. (Ibiden, p 264).

Assim, para Freud a escolha dos objetos eróticos a partir do tipo narcisista pode levar o indivíduo a amar: “a si mesmo; a amar aquilo que ele foi; a amar aquilo que ele gostaria de ser (como por exemplo, o amor dos pais (carinhosos) pelo seu filho); e a

amar a pessoa que foi parte dela mesma. Do ponto de vista do tipo de oposição, ama-se à mulher nutriz e/ou ao homem protetor” (Ibiden, p.265).

Quando analisamos o conceito de narcisismo formulado por Freud, percebemos sua complexidade e fundamentalmente sua importância na constituição psíquica do indivíduo. Diferentemente do pensamento popular, o narcisismo numa determinada medida, não se refere a um estado patológico, mas é o complemento necessário do ego para nossa sobrevivência. O narcisismo, assim, é uma ação psíquica responsável pela estruturação do Eu, por isso, voltar-se para si mesmo na infância é uma necessidade para nossa própria conservação. A partir do complexo de castração, a criança começa a investir sua libido no amor objetal, fora dela mesma. Para Freud, segundo Lira e Silva (2005), o desenvolvimento consiste no distanciamento do narcisismo primário.

A criança faz esse movimento de deslocamento de investimento libidinal de si própria para o objeto, com grande dificuldade, mas se por algum motivo, não consegue desenvolver-se nesta direção, tornando-se ela própria seu ideal de objeto sexual, isso pode se constituir em um estado patológico:

O Eu ideal conseguiu a satisfação da libido nos objetos sob condições muito difíceis, renunciando a uma parte da mesma, considerada reprimível pelo censor. Nos casos em que não chegou a desenvolver-se tal idéia, a tendência sexual, de que se trate, entra a fazer parte da personalidade do indivíduo na qualidade de perversão. Os homens cifram a sua felicidade em tornar a ser seu próprio ideal, também no que toca aos instintos sexuais, como em sua infância (Ibiden, p.274).

Assim, o narcisismo secundário, muitas vezes, assume características parafrênicas ao concentrar seu investimento libidinal nele próprio, causando sérios

danos em sua relação, intra e inter pessoal. Como o mito de narciso demonstra, este morre quando se entrega à sua própria imagem.

Lira e Silva explica as conseqüências dessa entrega a si próprio:

A pretensão narcisista da coincidência absoluta com o seu ideal implica a morte do sujeito desejante. Quando isso adquire uma intensidade maior, torna-se patológico, leva-o ao vazio da existência, talvez a um sentimento insuportável de não mais existir. (LIRA E SILVA, 2005, p.60).

Este vazio é a manifestação psíquica deste narcisismo patológico, que ocorre ao mesmo tempo em que ocorre um desinteresse por tudo que não lhe é próprio, por tudo que lhe é exterior. A vida torna-se solitária e o tédio é sua maior característica:

Deve-se pensar esse desinvestimento como desligamento da relação com o outro (Objeto), desunião do conjunto, o que reforça a voltar-se sobre o ego e, principalmente, sobre o corpo como objeto narcísico primário. Mesmo que o corpo se insira numa rede de relações socialmente valorizadas – modas, beleza, saúde..., - ela não chega a encobrir a intensidade das vivências hipocondríacas resultantes. A busca por drogas – quer legais, quer proibidas -, por iniciativa própria ou consultas a especialistas, talvez funcione como recurso paliativo para minimizar a angústia (Ibidem, p.61).

A partir dessas formulações de Freud, sobre o narcisismo, podemos pensar a corpolatria como um comportamento que indica claramente e sem mediações um desligamento da relação com o outro, numa retração no desenvolvimento da libido, voltando-o novamente para o próprio ego. Parece que a corpolatria é uma das formas mais claras daquilo que Freud chamou de narcisismo secundário. Nesse sentido, a corpolatria parece estar estritamente ligada ao comportamento neurótico, que pode

indicar uma forma perversa e pouco eficaz de constituir-se enquanto sujeito num mundo onde a massificação e a reificação se tornam marca.

Se do ponto de vista das estruturas psíquicas sabemos que a corporatria, é um processo de regressão no desenvolvimento do ego. Ou seja, é uma ação de desinvestimento libidinal nos objetos externos, que leva os indivíduos a não conseguirem direcionar seu amor, sua energia, sua motivação, para fora dele mesmo. Não conseguem investir no outro, regredindo a um nível de desenvolvimento psíquico infantil – levando a uma infantilização psíquica. A pergunta que esta pesquisa deve tentar responder agora é: Quais são os fatores externos ao indivíduo que podem causar esse desligamento com o outro? Que papel tem as estruturas sócio-culturais nesse processo?

Quando vemos, hoje, uma corporalidade narcisista em crescente expansão, e conscientes de que somos fruto de um processo histórico insidioso e contraditório. É necessário, então, buscar dentro desse processo histórico o momento de “viragem”, onde o corpo inicia seu processo de reificação. Com isso, entender os pressupostos que determinam essa forma de corporalidade humana. O caminho é buscar conectar os processos sócio-culturais mais marcantes desses períodos históricos, com as ações políticas dominantes, e as principais idéias que lhes davam suporte, instrumentos esses, que interconectados, constituem-se em elementos fundamentais no processo de perda da autonomia do indivíduo na relação com o mundo, e conseqüentemente, com seu próprio corpo. Nossa hipótese é a de que, é nesse processo sócio-histórico que estão os pressupostos que vão interferir nas estruturas psíquicas individuais, levando as pessoas a uma regressão infantilizante, investindo sua energia e motivação, apenas nela própria. Resta então, identificarmos quais são esses pressupostos sócio-históricos.

Necessário lembrar nesse momento, que a história não é um movimento linear e contínuo, ao contrário, o movimento histórico incorpora simultaneamente transformações radicais ou gradativas e continuidades imemoriais. Pois é, exatamente nesse movimento da história, que imaginamos estar inscrito nos corpos os registros de práticas, idéias e ideais que subsidiem nossa interpretação sobre as relações corporais vivenciadas na contemporaneidade.

CAPÍTULO II

– O CORPO E A HISTÓRIA:

DO CORPO MECANICISTA AO CORPO ALIENADO

O MÉTODO, A HISTÓRIA E O CORPO

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo que parece estar a ponto de alçar vôo, afastando-se de algo que o deixa estupefacto. Seus olhos e sua boca estão desmesuradamente abertos, e as asas estão estendidas. Este deverá ser o aspecto do Anjo da História. Seu rosto está voltado para trás (para o passado). O que para nós sempre parece uma cadeia de fatos ou de eventos, ele vê - na totalidade - uma catástrofe única que amontoa incansavelmente ruína sobre ruína, destroço sobre destroço sobre seus pés; como num naufrágio. O anjo queria deter-se, despertar os mortos e recompor o destruído, o despedaçado. Porém, do Paraíso sopra um vento fortíssimo, um furacão que enreda suas asas e que é tão forte que o anjo já não pode fechá-las. Este furacão o empurra inexoravelmente para o futuro, para o qual ele tem as costas voltadas. E enquanto ele debate, rosto para o passado e costas para o futuro, as ruínas os escombros e fragmentos amontoam-se até o céu. É a este furacão que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1987, p.226).

Benjamin critica uma histórica atórica, descritiva, onde se ordena uma seqüência de fatos lineares. Refere-se ao Historicismo, um conceito teórico responsável por garantir a defesa do *status quo*, produzindo um esvaziamento do passado, na medida em que retira do processo histórico, as relações humanas, com suas contradições e lutas. Ficamos, a partir disso, à mercê do destino, alienamos nosso futuro à promessas de um progresso massificador e totalizante.

A perspectiva de História que Benjamin vai desenvolver para contrapor-se ao Historicismo, é fundamentada no Materialismo-Histórico.

Nesse sentido a História deve ser entendida a partir das relações concretas de vida, e portanto, tem suas raízes fincadas no mundo material, que é constituído dentro das lutas e contradições sociais. Na luta pela sobrevivência, pela satisfação de suas necessidades básicas, o homem ao atuar sobre a natureza, construiu ao longo de sua evolução histórica, diferentes formas de subsistência em diferentes épocas, gerando com isso, diferentes modos de relações que ocorrem independente de sua vontade, que por sua vez, interferem em sua forma de ser. Marx explica que, “a totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, à qual correspondem formas sociais determinadas de consciências” (MARX, 1987, p.30).

Esse conjunto social, com sua base material, sua forma de organização e de divisão do trabalho, que dá origem aos modos de produção. Que portanto, são historicamente determinados, constituídos a partir da dinâmica do conflito e do movimento.

É Marx, quem complementa, contrapondo-se aos empiristas e idealistas:

Esta forma de considerar o assunto não é desprovida de pressupostos. Parte de premissas reais e não as abandona um único instante. Estas premissas são os homens, não isolados nem fixos de uma forma imaginária, mas apreendidos no seu processo de desenvolvimento real em condições determinadas, desenvolvimento este que é visível empiricamente. Desde que se represente este processo de atividade vital, a história deixa de ser uma coleção de fatos sem vida, como a apresentam os empiristas, e que são ainda abstratos, ou a ação imaginária de sujeitos imaginários, como a apresentam os idealistas (MARX E ENGELS, 1991, p.38).

E Benjamin completa; “a luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais” (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Esta visão histórica que é constituída a partir das relações materiais, e que tem como perspectiva o movimento e a contradição é a inspiração norteadora deste trabalho.

Temos clareza das dificuldades de se alcançar esses objetivos, ainda mais quando apenas debutamos no cotidiano da pesquisa acadêmica. Porém, ao nos cercarmos dos pressupostos filosóficos que fundamentaram a corporalidade hegemônica das épocas históricas estudadas, os condicionamentos sócio-políticos que lhes deram legalidade, as estruturas econômicas que lhes deram materialidade, e a consequência dessa estrutura na vida cotidiana das pessoas, parece ser uma direção coerente com a perspectiva materialista - histórico - dialética, além e principalmente, de, ao nosso ver, ser a melhor maneira de se apropriar com profundidade das transformações que fundamentam o fenômeno contemporâneo do culto ao corpo. O esforço para se buscar, nesses recortes históricos, essas múltiplas dimensões da realidade, certamente será possível encontrar nesse trabalho.

Contudo, se uma pesquisa histórica nesta perspectiva, já é um desafio grandioso, ao se pesquisar a história do corpo, soma-se mais uma dificuldade: a existência de uma dupla contradição, pois, a história do corpo, ao se constituir em um conceito privilegiado na conexão entre natureza e cultura, fazendo parte de ambos, constitui-se também num trabalho, ao mesmo tempo penoso e privilegiado. É penoso, já que são incontáveis as possibilidades de abordagem, e, é também privilegiado, pois essa sua amplitude de possibilidades, se bem costurada, pode ser elemento fundamental na interpretação da realidade. Pois, as formas de viver a corporalidade, de comportar-se

corporalmente estão ligadas a condicionantes sociais e culturais, que estão tatuados em nosso corpo e em nossa subjetividade, revelando nossa singularidade, mas também nosso pertencimento a um determinado grupo social, numa determinada época histórica.

Gonçalves nos ajuda a entender essa dimensão do estudo da história do corpo: ela explica que “cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social” (GONÇALVES, 2000, p.14). Com isso, buscaremos ver na corporalidade do homem, na sua forma de se relacionar com seu corpo, pressupostos filosóficos. Na divisão do trabalho, representações marcantes da corporalidade. Nas determinações políticas, encontraremos teorias científicas, mas também crenças populares e possivelmente metodologias pedagógica.

O CORPO MÁQUINA

Quando buscamos as referências históricas do homem com seu corpo, chama atenção a relação cosmológica que a sociedade grega, berço da cultura ocidental, mantinha com seu corpo. Corpo este, altamente valorizado, porém, essa valorização se estendia para além da beleza individualista que vemos na contemporaneidade, a beleza (*kalon*) estava ligada aos fins éticos e intelectuais.

O bem, a beleza e a verdade eram três elementos constitutivos da cultura helênica. A beleza deveria necessariamente se reportar a bondade e a justiça, na medida em que o corpo era visto a partir de dimensões amplas da existência: o viver coletivo

(*Polis*), e a ligação à natureza (*Physis*), constituindo-se assim parte de um universo (*kósmos*) homogêneo.

O grego clássico vivia sua corporalidade em unidade com a natureza e com o universo, pois compreendia que para cada ser, há uma *physis* (natureza) que se mantém, produzindo uma irmandade entre todos os seres, “esta essência, o universo e tudo o que é manifesto seriam um: o mesmo princípio regeria o crescimento qualitativo de todos os seres, processo marcado, portanto, por uma interligação permanente entre todos os elementos” (SILVA, 2006, p.28). A concepção filosófica que fundamenta esta corporalidade é conhecida como “*estética da existência*”, de maneira que o equilíbrio corporal deveria relacionar-se diretamente com a harmonia da alma, para formar uma existência integral (FOUCAULT, 1985).

Já na Idade Média, surgem diversas concepções de corpo, cujos principais pensadores; Santo Agostinho, na passagem do mundo grego-romano, e posteriormente, São Tomas de Aquino, que a despeito de suas diferenças tinham em comum a transcendência da vida humana, orientado pelo dogma da criação de Deus, que referenda a história e o destino das pessoas a postergarem prazeres terrenos por um destino celestial.

Poucas épocas na história tiveram, como a Idade Média cristã ocidental, uma convicção tão enraizada e universalizada de um modelo de mundo. Impregnado “até as suas fibras mais íntimas, esse modelo, era evidentemente definido pela religião e, acima de tudo, pela mais alta expressão da ciência religiosa: a teologia. Se havia um tipo humano a excluir do panorama do homem medieval era precisamente o homem que não crê” (LE GOFF, 1989).

Esses fundamentos teológico-filosóficos determinam uma corporalidade onde o pressuposto hegemônico é a negação do corpo, que está ligado às imperfeições do caráter, às doenças, sexo, promiscuidade. Corpo que afasta os homens do reino de Deus, corpo pecador, corpo prisioneiro da alma. Mas exatamente por abrigar a alma em seu interior, o corpo medieval mantém-se inviolável, sacralizado. Não por suas qualidades imanentes, mas por temer-se que ao ser manipulado, possa se encontrar com a alma, e assim interferir nos desígnios de Deus e com isso receber a ira divina.

Mas, é na Renascença que o corpo humano inicia seu processo mais completo de dessacralização, fundamentado por um momento sócio-político de profundas transformações, inaugura uma relação contraditória com um mercado em processo de franco desenvolvimento. Rouanet se refere assim a esse novo tempo: “o corpo foi profanado, já que deixou de ser visto como um sacrário que continha uma coisa infinitamente preciosa, a alma. Com isso, abriu-se o caminho para a banalização do corpo, sua instrumentalização, sua mercantilização” (ROUANET, 2003, p.53).

O corpo perde sua espiritualidade, torna-se pura matéria, e até por esse motivo, ganha na arte e na cultura uma nova dimensão. Retoma conceitos helênicos de arte e cultura que tinham sido abandonados e que influenciam o olhar e a vivência do corpo. E, sobretudo, é fundamentado por uma nova retórica a respeito do conhecimento e da verdade - a ciência empírica - que se contrapõem as explicações religiosas medievais, recorrendo à razão. Empirismo que deveria, ao explicar as causalidades dos fenômenos, manipulá-los a favor do próprio homem. É o nascimento do antropocentrismo.

Adorno e Horkheimer se referem assim à visão de Bacon sobre a função da ciência na sociedade renascentista:

Para Bacon, como para Lutero, o estéril prazer que o conhecimento proporciona não passa de uma lascívia. O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama de “verdade”, mas a “*operation*”, o procedimento eficaz. Pois não é nos “discursos plausíveis, capazes de proporcionar deleite, de inspirar respeito ou de impressionar de uma maneira qualquer, nem em quaisquer argumentos verossímeis, mas em obrar e trabalhar e na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida”, que reside “o verdadeiro objetivo e função da ciência” (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p.18).

A necessidade de controlar, manipular e dominar a natureza, princípio norteador da ciência empírica, aplica-se integralmente à relação do homem renascentista com o corpo, elemento até então desconhecido, e que necessitava ser explorado. Característica, que veremos mais tarde, está intrinsecamente aliada a um contexto econômico/político impositivo, e vai se constituindo, na gênese do distanciamento do homem com seu corpo, e com os outros corpos.

É importante para se entender esse processo, conhecer os elementos estruturantes da sociedade renascentista, principalmente o papel do mercado, e a reação, ambivalente que causava.

Sobre isso, o clérigo Humbert de Romans¹⁴ faz o seguinte comentário sobre o comércio, que se desenvolvia a plenos pulmões no período final da Idade Média, falando sobre suas vicissitudes:

[Um homem] entrando na abadia, deparou-se com muitos demônios, mas no mercado encontrou apenas um, solitário, empoleirado sobre uma pilastra. Isso o encheu de preocupação, pois lhe haviam dito que, no claustro, tudo é

¹⁴ Sermões, XCII, Merchatis, p.562, In: R. Sennett, 1994.

arrumado de modo a elevar as almas para Deus, sendo, portanto necessários tantos demônios para induzir os monges ao desvio; no mercado, desde que cada homem é um demônio, basta mais um (SENNETT, 1994, p. 169).

Romans aponta a contradição que se estabelecia no final da Idade Média, momento histórico que havia consolidado uma sociedade estratificada, hierarquizada e rigidamente imobilizada, mas, ao mesmo tempo, via o processo de produção e consumo se acelerar. Usufruía-se de seus benefícios, mas contrapunham-se à quebra de sua tradição cultural, movimento esse, intrínseco ao processo que se instalaria ao longo das décadas futuras.

Os conflitos religiosos, culminando no processo da Reforma Protestante, que impulsionada pelos novos interesses de classe e conseqüentemente de poder, somados a uma grande indignação ética, e, desejos de outras formas de espiritualidade, determinam uma nova relação do homem com ele mesmo e com os outros homens. Constituído a partir da idéia de que não é necessário intermediários na relação com Deus, afirma-se uma concepção de indivíduo independente, que pode realizar-se por si, quebrando a rígida hierarquia medieval e abrindo caminho para o fortalecimento do capitalismo.

Essas mudanças determinam, e ao mesmo tempo, são determinadas por um desenvolvimento intensivo do processo científico. O mesmo ocorre com a arte e a cultura, que documentam para a posteridade uma nova forma de corporalidade.

Esta nova configuração sócio-cultural “reflete os interesse econômicos da burguesia e do modo de produção capitalista incipientes, que, para o progresso econômico necessitavam da transformação prático-material do mundo e do progresso da ciência e da técnica que, por sua vez, eram condicionados por essa transformação” (VASQUES, 1977, ps.25/26).

Agora o trabalho físico não tem mais o valor de “coisa menor” que deve ser feita pelos escravos, não é mais uma atividade aviltante. É o pensamento reformista de Lutero e Giordano Bruno, entre outros, que enaltecem o trabalho, embora sua dignidade “não reside nele mesmo: reduz-se ao fato de que torna possível a atividade propriamente humana que, para os pensadores dessa época, ainda é a contemplação” (GONÇALVES, 2000, ps.48/49).

Com a Renascença ocorre uma retomada ao pensamento helênico, com a pintura e a escultura retomando a valorização do corpo em suas formas harmônicas e simétricas, instituindo proporções e volumes geometricamente estabelecidos, enaltecendo emoções e movimentos que dão ao homem uma dimensão central, anunciando um novo homem, agora, não mais passivo diante do mundo.

O mundo é visto como um lugar que deveria ser cientificamente dominado, e não mais apenas admirado, é o antropocentrismo na sua forma mais pura e cristalina.

A arte de Michelangelo, Leonardo da Vinci, Rafael, Tiziano entre outros, expressa um grande conhecimento sobre as estruturas anatômicas do corpo humano, renasce um corpo belo, agora fundamentado nas ciências médicas. Suas ilustrações sobre o corpo exploram todo o conhecimento produzido nesta época.

André Vesalius¹⁵ foi o grande mestre em anatomia da Renascença, e expressa a atitude de sua época. Sobrepondo-se às tradições religiosas que consideravam o corpo inviolável, ele constitui um acervo de conhecimentos anatômicos a partir da observação direta e das dissecações. Contestou os escritos do médico romano Galeno, até então, a grande referência na medicina. A partir desses estudos, publica aquele que seria a

¹⁵ Notas retirada das aulas na disciplina Corpo, Imagem e Educação, dentro do curso de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, ministrada pela Professora Dr^a. Carmen Lucia Soares, no ano de 2008.

grande referência para a concepção do novo corpo científico renascentista, “*De Humani Corporis Fabrica*”. Numa época em que afloravam as grandes navegações, e onde a carta de navegação se tornaria referência científica de altíssimo valor, o corpo também começa a ser cartografado. A obra de Vesalius inaugura o primeiro atlas anatômico do corpo humano, e demonstra toda sua popularidade, quando suas dissecações humanas feitas com criminosos executados, tornam-se um espetáculo público de grande audiência.

O conhecimento do corpo se inscreve a partir da ordem biomédica, um corpo visto como matéria que deve ser manipulado e dominado, e se cristaliza enquanto objeto.

Rouanet, citando o médico, Julien Offray de La Matrie, autor do livro *O Homem Máquina*, define assim o corpo:

Nosso corpo é um conjunto de molas e engrenagens, e o que chamamos alma é um princípio também material no cérebro que movimenta nosso organismo e nos habilita a pensar. A idéia de uma alma imortal vem da nossa vaidade, do orgulho de nos sentirmos superiores ao resto da criação. O pensamento é uma simples função da matéria organizada. A experiência demonstra que a matéria comanda tudo, que só o corpo existe. (LA METRIE, IN: ROUANET, 2003, p.48-49).

Esta visão de La Matrie mostra de maneira radicalizada o conceito mecanicista de corpo, perspectiva hegemônica da época.

Dos grandes pensadores que fundamentam a sociedade renascentista, e por conseqüência, sua visão de corpo, Bacon é seu precursor, e como já foi dito por Adorno e Horkheimer, a partir de sua concepção pragmática de ciência abre novas perspectivas para o domínio do mundo. Hobbes, outro representante da corrente empirista, via o

homem, somente como um corpo, “um quantum de expressão e de impulso, um paralelogramo de forças dos estímulos sensoriais e de suas relações mecânicas”¹⁶. A alma perde seu conceito como força vital que dá vida e movimento ao corpo, e o corpo torna-se uma máquina que age em função de estímulos externos”(GONÇALVES, 2000, p.50). Locke, outro representante importante da corrente empirista, ainda é impregnado pelo conceito medieval e reduz o corpo a um “instrumento do espírito, e como tal deve ser mantido forte e saudável para que possa executar suas ordens” (Ibiden, p.51).

Mas, é com o racionalismo de Descartes que o corpo perde definitivamente seu status. Com base na razão matemática, ele liga o homem ao universo, que se torna um sujeito pensante. Descartes anuncia – “*cogito ergo sum*”:

Descartes encerra o homem no cogito e cava um profundo abismo entre o mundo material e o mundo espiritual, constituindo espírito e matéria dois princípios distintos e irreconciliáveis. A idéia de uma união do corpo e da alma não é, para Descartes, uma idéia clara e distinta, que se apresenta ao espírito com evidência, o que o leva a negar-lhe veracidade. Para ele, é “somente ao espírito e não ao composto de espírito e corpo, que compete conhecer a verdade das coisas”¹⁷(GONÇALVES, 2000, p.50-51).

A razão se torna a grande produtora da verdade, e quem se torna responsável por ordenar o mundo de maneira racional; é a ciência moderna - o que ela não explica, não existe. Só existe uma única e definitiva verdade: a verdade científica. As explicações religiosas, artísticas ou filosóficas são impuras e devem ser desconsideradas. Ocorre que esta ordenação racional, administrada pela ciência moderna, se dá a partir da união entre conhecimento científico e mercado, anunciando uma ciência utilitária e a instalação de uma razão instrumental. A ciência começa a ganhar status de verdade incontestável e o

¹⁶ Johanes Hirschberger, Breve Historia de La filosofia, 1968, In: Gonçalves, 2000, p. 50.

¹⁷ René Descartes, Cartas a Elesabeth, vol.II, 1987, In; Gonçalves, 2000.

homem inicia seu processo de divórcio com natureza, que já não existe enquanto tensão medo-existencialidade, mas a partir da relação exploração-domínio. É o nascimento da ciência como mito, o mito da modernidade em processo rápido de construção.

Adorno e Horkheimer explicam:

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p.21).

A ciência, que surge para explicar a realidade e livrar os homens, do misticismo, da superstição e das crendices. Nascida para decodificar o funcionamento das forças ameaçadoras da natureza, e com isso aplacar o medo ancestral que o homem tem dessas forças, se transformou em técnica e tecnologia, que longe de buscar a felicidade dos homens, vai constituindo-se num instrumento de dominação - da natureza e dos homens.

Com isso, esta ciência recém nascida e com potencialidade de humanização do mundo, vai se construindo destituída de sua dimensão ética, pois fechada em avanços técnicos especializados, se dissocia das contradições históricas, construindo uma retórica de neutralidade política, aparentemente, buscando se afastar das contingências e irracionalidades características da política. Ocorre que desconsidera, nessa retórica de neutralidade, sua submissão às regras e interesses do capital, que neste momento

histórico encontra-se em processo de franco desenvolvimento. Atitude bastante conveniente, que satisfaz os cientistas e consolida o capitalismo burguês

Neste contexto, também o corpo assumirá este mesmo papel, cristalizando uma concepção fragmentada, que centraliza na mente toda a percepção da realidade, e, portanto, substitui a vivência corporal pela representação da mente. Um corpo visto sob diversos ângulos que não se comunicam entre si. Suas estruturas anatômicas e fisiológicas estão dissociadas do funcionamento psíquico, que por sua vez tem dificuldade de contemplar os fenômenos sócio-culturais. A metáfora do corpo renascentista não poderia ser mais denunciadora - nasce o corpo máquina - anunciado por Descartes, radicalizado por La Metrie.

Conjunto de ossos e músculos que se movimentam pelas leis da física. Pura matéria de funcionalidade mecânica, literalmente desalmado, obediente e cumpridor de ordens. Características que lhe retiraram a aura e o valor, Rouanet é enfático; “ele não vale nada, ou vale enquanto valor de troca, não tem valor, mas tem preço” (ROUANET, 2003, p.54). Fundamentos bastante úteis nos novos tempos que se avizinham.

O CORPO ECONÔMICO

Depois de mais de dois mil anos de hegemonia do conceito do calor do corpo formulado por Hipócrates, como princípio que regia o funcionamento do organismo, Willian Harvey escreve “*De motu cordis*”, em 1628, demonstrando o princípio de circulação sangüínea, revolucionando a compreensão do corpo (SENNET, 1994).

Incrível que sua descoberta, ocorre concomitantemente ao fortalecimento do capitalismo moderno, que retira do corpo conceitos que se tornariam primordiais para sua organização. Adam Smith, por exemplo, foi o primeiro a reconhecer em seu livro clássico, *A Riqueza das Nações*, que as descobertas de Harvey demonstravam de maneira inequívoca como os fenômenos da natureza revelavam as regras sociais. Adam Smith imaginou um mercado livre, de trabalho e de mercadorias, parecido com a circulação sanguínea, e assim como esta produzia seus melhores resultados quando o corpo se livrava de interdições, como cintos, cintas ligas, roupas apertadas e pesadas, etc. A economia também deveria seguir esse mesmo roteiro, se ver livre das amarras e interdições do Estado (Ibidem, 1994).

É Sennet quem comenta:

A circulação de bens e dinheiro era mais lucrativa que a propriedade fixa e estável, que significava apenas um prelúdio para a troca, pelo menos no que diz respeito aos que conseguiam aumentar o seu quinhão. Mas para que as pessoas pudessem beneficiar-se com a economia circulante – Smith sabia – elas eram obrigadas a abandonar lealdades. Além disso, esses atores econômicos móveis teriam que aprender tarefas especializadas, individualizadas, de modo a terem algo diferente a oferecer. Assim, o “*Homo economicus*” especializado poderia movimentar-se por toda a sociedade, explorar posses e habilidades oferecidas pelo mercado, mas tudo a um preço (Ibidem, p.214).

È a legitimação definitiva do individualismo. Fortalecido pelo movimento autônomo e livre de regras e amarras, ao mesmo tempo em que aumenta a liberdade de movimento diminui a experiência sensorial. Não se pode mais ter qualquer conexão visceral com lugares ou pessoas, o corpo móvel deste novo indivíduo moderno que está nascendo sofre uma espécie de crise tátil, deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo.

A revolução de Harvey favoreceu mudanças de expectativas e planos urbanísticos em todo o mundo. Suas descobertas sobre a circulação do sangue e a respiração levaram a novas idéias a respeito da saúde pública. No Iluminismo do século XVIII, elas começaram a ser aplicadas aos centros urbanos. Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável. A revolução médica parecia ter operado a troca da moralidade por saúde – e os engenheiros sociais estabelecido a identidade entre saúde e locomoção/circulação. Estava criado um novo arquétipo da felicidade humana (SENNETT, 1994, p.214).

O novo paradigma social dado pela medicina, cristalizava-se - mobilidade e não mais tradição - a saúde não era uma dádiva de Deus, mas sim responsabilidade de cada indivíduo. Para isso é necessário que, assim como o sangue, que deveria circular livremente, também o ar deveria ter seu percurso facilitado, então a pele, membrana que lhe permite respirar, deve estar limpa, pois, segundo Platner, nos anos de 1.700, “a imundice, obstruindo os poros, retinha os humores do excremento, favorecia a fermentação e putrefação das substâncias, pior, facilitava a reabsorção dos dejetos que cobriam a pele” (Ibidem, p.218). Dentro dessa perspectiva, a palavra "impuro", que historicamente sempre esteve relacionada com uma deficiência moral, agora é objetivamente materializada, pode ser vista na pele. Pele suja ganha um sentido moral, explicitando uma experiência humana não compatível com as novas características da sociedade que estava surgindo.

Essas novas regras morais de civilidade, características da vida urbana que se encontrava em processo crescente de desenvolvimento, continha uma forte conotação de

classe, na medida em que eram as condições econômicas da população que determinavam suas possibilidades de usufruir das condições de higiene, além do que, os camponeses, por exemplo, tem uma cultura secular de valorização da sujeira, cultura esta, que pensava na pele suja como sinal de saúde;

Urina e fezes humanas ajudavam a nutrir a terra; deixadas no corpo, bem que poderiam formar uma película revigorante, especialmente para crianças. Daí ser tão comum às pessoas do campo acreditar que “ninguém deve lavar-se com muita frequência (...) porque a crosta de fezes secas e restos de mijo faziam parte do corpo e protegiam, especialmente crianças recém nascidas (Ibidem, p.218-219).

A historiadora Dorinda Ouitram diz que, no século XVIII, médicos e camponeses tinham representações sobre corpo e saúde absolutamente divergentes, na medida em que para os camponeses, os médicos não eram possuidores de grande significância social – como ocorria no meio urbano, onde detinham o poder de vida e de morte – pois, historicamente os camponeses só tinham contato com os barbeiros cirurgiões¹⁸. Por volta de 1789 havia um barbeiro cirurgião para cada mil habitantes, e na mesma época, nas cidades havia um médico para cada dez mil habitantes (Ibidem, 1994).

Soares (1998) em seus estudos sobre a história das práticas corporais, que no século XIX vão se constituir no Movimento Ginástico Europeu, instituindo a Ginástica como prática corporal detentora dos conhecimentos científicos, e, portanto possuindo o direito de prescrever aquilo que deveria ser as ações corporais tecnicamente mais

¹⁸ Alain Courbin. The Foul and the Fragrant; Oder and the French Social Immigration, IN: Sennett, Carne e Pedra, 1994.

apropriadas para o novo homem moderno, fala sobre os objetivos deste Movimento Ginástico:

Regenerar a raça e promover a saúde em uma sociedade marcada pelo alto índice de mortalidade e de doenças, sem, contudo alterar as condições de vida e de trabalho. Em outro plano, as finalidades se complementavam pelo desejo de desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver para servir à Pátria nas guerras e na indústria. Mas a finalidade maior foi, sobretudo, moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver (SOARES, 1998, p.20).

Moralidade, que imputava ao indivíduo a culpa pela sua condição de marginalidade, pobreza ou falta de higiene. Culpabilizava-se a vítima, que (supostamente) tinha instrumentos para viver de acordo com as condutas médias estabelecidas pela sociedade europeia, mas não o fazia por uma deficiência de caráter. Assim, para que as pessoas tivessem acesso à saúde e a uma vida de bem estar, a sociedade burguesa europeia disponibilizava, tanto de um conjunto de regras de conduta baseados em valores morais cristãos rígidos e preceitos médicos de saúde, como também um conjunto de técnicas ginásticas que inseriam o corpo nesta nova ordem moral burguesa. O que não estava disponível para a maioria da população eram as condições materiais para uma sobrevivência saudável e higiênica.

È Soares (1998) que explica:

Afinados com o Estado constituído, exortaram (os cientistas) a moral de classe (burguesa), afirmando em seus tratados sobre a Ginástica, o “culto” à saúde, ao corpo e à Pátria. “Oculto”, contudo estava o raciocínio que cria os meios, bem mais profundos e maiores do que a Ginástica, para a obtenção da saúde. De uma saúde que não pode ser obtida nem preservada em condições

miseráveis e degradantes a que estava sujeita a maioria da população que exercia algum tipo de “trabalho livre” na indústria, no comércio, nas minas. Lugares que fazem nascer crescer o tão propalado progresso no mundo ora dominado pela ciência e pela técnica, estas musas da burguesia que realizam seu triunfo (Ibidem, p.23).

Assim um conjunto de valores, princípios, regras e comportamentos, significativos para um determinado grupo social é universalizado e passa a ser o modelo para todos os grupos sociais, independentemente de sua origem ou história. É a ideologização da moral, é o início do processo de alienação pelo trabalho.

No capitalismo emergente do século XIX, o trabalho humano transforma-se em alienação, por engendrar uma contradição, pois, na medida em que o homem cria, ao mesmo tempo, a si mesmo por meio de sua atividade produtiva, aliena-se de si mesmo, de suas possibilidades humanas. Quando vende ao capitalismo sua força de trabalho, que é transformada em mais valia para aumentar o capital, o trabalhador aliena-se de si, de suas necessidades humanas e criativas e:

Só se sente livremente ativo em suas funções animais – comer, beber e procriar (...). A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento do valor do mundo das coisas. O trabalho não cria apenas bens, também produz a si mesmo e o trabalhador como mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens (MARX, 1987, p.90).

Gonçalves afirma que na sociedade capitalista, o processo de trabalho, alienando-se de suas raízes humanas, alienou também o homem em sua corporalidade:

Sua atividade produtiva, criativa, em que ele expressa seu ser total, é transformada em tempo de trabalho e absorvida

pelo capital. Os seus próprios poderes físicos tornaram-se independentes e aparecem-lhes como estranhos, desvinculados de seu ser total. O corpo vivo, participante do ato criador de transformar a natureza, tornou-se um corpo mecanizado, que tem tarefas a cumprir de forma automatizada, com um mínimo de participação do espírito. O corpo do trabalhador não é somente um corpo alienado, mas é um corpo deformado pela mecanização e pelas condições precárias de realização de movimentos (GONÇALVES, 1994, p.63).

Assim nasce o corpo econômico. É Engels, em O Capital, citado por Gonçalves (1994), que explicita com clareza a nova corporalidade do homem econômico “... enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual” (ENGELS, 1984, p.43 IN: GONÇALVES, 1994, p.63).

O corpo do homem, agora só vale como força de trabalho. Por isso, teve que se ajustar às novas tecnologias de produção em massa – a fábrica. O corpo da população trabalhadora se transforma numa extensão da máquina, com isso, sua sensibilidade, sua percepção, sua cognição, sua relação com o tempo e o espaço vai se moldando ao ritmo da máquina. Nesse jogo, onde as regras subordinam-se às leis do capital, os proprietários dos instrumentos de produção, mais que controlar a produção de suas fábricas, controlam a forma de pensar, sentir e agir de seus trabalhadores. Controlam sua corporalidade.

Nestes termos, o trabalho é constituído como um fim em si mesmo. Gerado a partir do reino da necessidade, se organiza a partir do desempenho e da produtividade. Não há criação, não há liberdade, não há autonomia. Perde sua capacidade de práxis, tornando-se instrumento de produção e reprodução da alienação.

No estágio do capitalismo produtivo, o fenômeno da produção extrapola a prática cotidiana da fábrica. Na verdade, torna-se uma referência cultural, um modo de viver que abarca a todos. Na sociedade do capitalismo produtivo, os desejos devem ser rigidamente controlados, exigindo o esforço, ou melhor, o sacrifício, da renúncia ao desejo em nome da produção, símbolo da esperança, ao menos na retórica, de uma recompensa futura. Adiam-se os desejos, controlam-se as pulsões e reprimi-se a libido, substituídos pela promessa de felicidade, é o preço a se pagar pelo progresso.

No desenrolar do processo histórico, a renúncia ao desejo, a fixação num trabalho alienado e alienante que é marcado pela ética da produção, será gradualmente substituída por outras formas de corporalidade. O capitalismo produtivo vai se transformando em capitalismo de consumo.

CAPÍTULO III

O CORPO FETICHE

CAPITALISMO E SUBJETIVIDADE

A fome é fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come com faca ou garfo, é uma fome muito distinta da que devora carne crua, com unhas e dentes. A produção não produz, pois unicamente o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, não só objetiva, como subjetivamente. Logo, a produção cria o consumidor (MARX, 1987, p. 116).

Marx decifra ainda no século XIX, a relação intrínseca entre estrutura social e estrutura psíquica, entre indivíduo e sociedade, relação esta que o capitalismo irá explorar de maneira incessante e extremamente eficiente.

A sociedade produtivista ao transformar o trabalho em mais valia, ao transformar a ação do trabalho humano em mercadoria e seu valor de uso ser modificado para valor de troca. Ao desfiliar o produto do trabalho da esfera das necessidades, para dar-lhe uma valoração abstrata, adquirindo, com isso, vida própria na mesma proporção que a vida humana perde seu valor. Fortalece um processo de subjetividade, onde a mercadoria vai ganhando valor de culto, criando desejos que vão se transformando em novas necessidades. Marx vai chamar essa relação de Fetichismo da mercadoria.

O resultado do trabalho humano - sua produção - não tem como objetivo fornecer um instrumento material às necessidades do homem na relação com o mundo, ao contrário, agora a produção é que fornece uma necessidade aos homens. Engendra-se uma inversão da realidade social, a mercadoria ganha vida, humaniza-se. Já os homens

que a produzem com a força de seu trabalho, alienam-se, viram objetos, se tornam eles mercadoria. Maria Rita Kehl se refere assim a esse processo:

Os sujeitos que intercambiam mercadorias, e que medem o valor de umas pelas outras, assim como se medem uns pelos outros e terminam por medir seu próprio valor pelo valor das mercadorias que trocam, precisam acreditar que mercadorias significam riqueza, mas para isso precisam esquecer (...) o que elas escondem, (...) trabalho humano investido. Trabalho que se mede em tempo, tempo de vida humana (pequenas quantidades de morte, poderíamos dizer) (KEHL, 2004, ps.76/77).

O valor da mercadoria mede o “desgaste do tempo humano de vida, o que cada um teve que pôr de seu próprio e irrenunciável tempo, deste tempo finito que lhe foi dado para viver” (ROZITCHNER¹⁹, 1989, IN: KEHL, 2004, p.77). Mede a morte de quem produz essa mercadoria, mas é anunciado “revestido do brilho da riqueza”, temos então, “o empobrecimento geral de uma sociedade que só consegue “enriquecer” à custa destas vidas expropriadas” (ZIZEK²⁰, 1994, IN: KEHL, 2004, p.79).

O processo de alienação descrito em detalhes por Marx, a partir da infraestrutura sócio-econômica vai consolidando-se de maneira marcante na superestrutura social.

Benjamin, em vários de seus textos²¹, analisa esse fenômeno, se reportando, por exemplo, às galerias parisienses, que inauguram os grandes espaços públicos e reúnem a população, agora agrupadas em verdadeiras multidões, onde cores, odores e formas

¹⁹ Leon Rozitchner, “Marx e Freud: a cooperação e o corpo produtivo. A expropriação histórica dos poderes do corpo, IN: Paulo Silveira Bernard Doray (Orgs.) Elementos para uma teoria marxista da subjetividade, São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1989.

²⁰ Slavoj Zizek, “O espectro da ideologia” IN: S.Zizek (org.), Um mapa da ideologia, Rio de Janeiro, Contraponto, 1994.

²¹ Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura, Obras Escolhidas, vol.1,1994; Charles Baudelaire, Um Lírico no auge do Capitalismo, Obras Escolhidas Vol.3, 1989.

enfeitam os “passantes”. Marcadas por uma arquitetura rigorosamente planejada, criando uma atmosfera de sedução e desejo. Assim, o fetiche pela mercadoria, inicia um processo de transformação que não cessaria ao longo dos tempos de se resignificar e se fortalecer, alterando a percepção das pessoas sobre o mundo e modificando sua subjetividade.

Como se sabe, Benjamin escreveu sobre isso em Paris, que ele chamou de “a capital do mundo”, daquele momento histórico - final do século XIX e início do século XX. Essas análises foram feitas, tanto sobre o estudo da obra poética de Baudelaire, poeta este, que influencia toda a arte do século XIX, como também sobre as novas formas de tecnologia, sua incorporação no cotidiano social, e, como a partir disso, acabavam transformando as relações humanas.

Assim, uma das muitas reflexões de Benjamin se referia ao confronto que o indivíduo foi obrigado a manter com as multidões das grandes cidades, e os “chocs” contínuos a que eram submetidos, com isso, o hábito tranquilo cede lugar a um “toque maníaco” (BENJAMIN, 1983, IN: ABREU 1998). A vida em comunidade, com tradições seculares, regras de conduta moral, e hierarquia consentida, estava em processo de transformação a muito tempo, como vimos em períodos anteriores, mas é neste momento histórico que essas transformações se intensificam com o processo acelerado de industrialização, o êxodo do campo para as grandes cidades, o trabalho mecanizado e com ele a dissolução da possibilidade de criação e de autonomia sobre o resultado do que é produzido, ocasionando, entre outras coisas, a busca por novas formas de sociabilização.

Esses “chocs” experimentados pela vida em confronto com as multidões, teria se expandido, segundo o pensador alemão, “em experiências ópticas e táteis propiciadas

por uma série de inovações técnicas” que, iniciadas pela invenção do fósforo, “têm em comum o fato de substituir uma série complexa de operações por um gesto brusco” (Ibidem, p.72). Nessas séries de inovações estariam, o telefone, a fotografia e o cinema, tecnologias que estudou a fundo, especialmente o cinema, que segundo Benjamin, rompe definitivamente com as formas de percepção anteriores, como por exemplo, a pintura, que pela atitude de contemplação que exigia, possibilitava uma associação de idéias e com isso favorecia a reflexão. Já no cinema, isso é no mínimo improvável, pois, “mal o olho capta uma mensagem, esta já cede lugar a outra e o olho jamais consegue se fixar” (Ibidem, p.72).

Essa nova percepção exigida para se assistir um filme, é na verdade a reprodução das mesmas percepções e habilidades exigidas pelo operário na linha de montagem. Assim, como no filme, a linha de montagem impõe ao operário um tempo de continuidades e rupturas, que se combinam mutuamente, não exigindo raciocínio, mas em seu lugar atenção, pois tanto no cinema como na linha de montagem, os processos passam a sua frente independente de sua vontade, assim como também lhes são retirados a sua revelia. Benjamin vai argumentar que se troca a experiência, que tem um sentido histórico, antropológico; pela vivência, esta mais rasteira, que prescinde da experiência e com isso torna-se efêmera, volúvel às necessidades pragmáticas e por isso mesmo substituível. A vivência ocorreria independente do desejo, atrofiando-o.

Ora, para Benjamin, o desejo tem em si as três dimensões temporais, fundamentais para a autonomia humana, pois, ao buscar projetar o futuro, no presente, obriga a remontar o passado (Ibidem, 1998). Assim, quando se deseja e se busca a realização desse desejo, foge-se da vivência do trabalho mecânico dos operários, que se caracteriza por um eterno presente, pois “têm que recomeçar sempre de novo, não lhes sendo dado realizar nada daquilo que começaram” (Ibidem, p.74). Assim, se as

experiências históricas vividas pelos indivíduos estão atrofiando esse desejo, e, portanto, atrofiando a possibilidade de transformar o tempo vivido, então a alienação se impõe com toda força. Necessária dentro da fábrica, ela se estende para o tempo de não trabalho.

No aprofundamento de seus estudos, Benjamin explica como essas transformações advindas das estruturas sócio-políticas, fundadas no modo de produção capitalista a partir da alienação pelo trabalho e pela produção de mercadorias em série, vão se espalhando para outras formas de experiências humanas e empobrecendo-as. Numa passagem, ele explica esse empobrecimento citando Scheerbart: “... podemos falar de uma cultura de vidro. O novo ambiente de vidro mudará completamente os homens. Deve-se apenas esperar que a nova cultura de vidro não encontre muitos adversários” (BENJAMIN, 1994, p.118).

Uma alusão bastante pedagógica dos novos tempos, onde a cultura do vidro expressa a cultura que não deixa rastro; no vidro nada consegue se fixar, ou seja, as experiências construídas ao longo das gerações, patrimônio cultural que fornece raiz aos indivíduos e marcam sua passagem no mundo, não são mais necessárias. A cultura do vidro remete a uma sociabilidade fria e dura, à imagem e semelhança do vidro. As relações humanas que agora se constroem, caracterizam-se pela frieza e pouca ou nenhuma amabilidade. Isso visto nos dias de hoje, cem anos depois de sua publicação, é de uma precisão tão terrível quanto verdadeira.

O indivíduo agora se ajusta às características, às propriedades e funções das novas tecnologias – não são mais os bens materiais que se ajustam às necessidades humanas, mas sim as necessidades humanas que são ajustáveis aos novos bens produzidos - que modificam a experiência humana, miserabilizando-as. O resultado

disso é a impossibilidade de sair desse círculo vicioso, de começar de novo, é o contentar-se com pouco. Pouca experiência, pouca troca, poucas relações – nenhuma autonomia, nenhuma liberdade, nenhum senso crítico, é a pobreza de experiência e sensações. A alienação humana vai sendo gestada também a partir da fantasia e dos sonhos. É a apropriação do inconsciente pela totalidade social, que a partir do domínio das bases materiais de produção, vai encontrando caminhos de administrar também a subjetividade humana²².

CAPITALISMO PRODUTIVO, ALIENAÇÃO E PRÁTICAS CORPORAIS – A HEGEMONIA DO ESPORTE

Dentro deste contexto, as práticas corporais refletem de maneira cristalina as aspirações do modo de produção que se afirma, assim como seus pressupostos mais importantes.

Senão vejamos, sabemos que é no início do século XX que o esporte afirma-se como a mais importante forma de cultura corporal moderna. Para entendermos essa força que o esporte vai ganhando na sociedade, é necessário compreender as características estruturais que o marcam, distinguindo-o das outras formas de práticas corporais, que até então eram hegemônicas, como os jogos, o circo, as festas

²² É parte desse mesmo processo, os instrumentos de coerção física, segundo Althusser, Aparelhos de Repressão do Estado; polícia, exército, prisões, aparato jurídico, etc. Necessários para aqueles momentos em que as sutilezas do sistema não são suficientes para a convencer os indivíduos dos ideais “justos” do Estado. Louis Althusser, IN: Aparelhos Ideológicos do Estado, 1985.

tradicionais, ou ainda, se voltarmos mais no tempo, as lutas, os combates ou confraternizações mediadas pelos confrontos violentos (soule, giocco di cálculo, etc).

Sem necessitar de muito esforço, ao observamos os fenômenos que caracterizam o capitalismo produtivo e aqueles que constituem o esporte moderno, identificamos como pressupostos comuns a ambos, por exemplo; a competição, a especialização de papéis, a meritocracia, a quantificação de resultados, o rendimento, a disciplina e o respeito à hierarquia. Alguns desses princípios serão incorporados pela estrutura esportiva, outros, o esporte moderno parece antecipar algumas normas de conduta e valores, que algum tempo depois se afirmará hegemonicamente na sociedade, como Eichberg (1979 IN: BRACHT, 2002) comenta em seus estudos sobre o rendimento.

A ética esportiva reflete de maneira impressionante os pressupostos do mundo do trabalho produtivo; submissão às regras, autodisciplina, autoconfiança. O gosto pela luta, o sentimento de esforço, lealdade, coragem, a suplantação de si próprio, valores que alicerçam a moral da sociedade capitalista burguesa, e, portanto, agem de modo a universalizar uma determinada visão de mundo. Aquilo que é o ideal de comportamento, relações humanas e conceito moral de um grupo social, vai tornando-se o único modo de vida “correto” e digno de se viver em sociedade.

Esta forma de cultura corporal esportivizada espalha-se pelo mundo e na medida em que vai tornando-se hegemônica, vai também subordinando as outras formas de expressão cultural à sua imagem e semelhança, folclorizando aquelas que não se enquadram em sua estrutura, desvalorizando-as.

É importante ainda ressaltar que o esporte, reflexo das contradições sociais, ao mesmo em tempo que absorve, e em determinadas características, antecipa

comportamentos e princípios do capitalismo, por outro lado também coloca dificuldades na sua incorporação ideológica total. Exemplo disso é o movimento olímpico, que tinha como um de seus ideais mais caros o amadorismo, que divergia da idéia de esporte como profissão, aferrado que estava a uma moral burguesa ainda impregnada de hábitos herdados da aristocracia, onde reinava a idéia do “*gentleman*” e do “*fair play*”, ideais que por um longo tempo se tornaram obstáculos ao profissionalismo desportivo, embora, sabemos todos, esses ideais não tenham garantido dignidade, ou possibilidade de emancipação aos seus atletas, ou as pessoas que a consumiam como divertimento popular. Ao longo do tempo, este modelo, aparentemente contraditório, é substituído por outro mais condizente com a importância econômica do esporte no capitalismo globalizado.

Nessas grandes cidades, onde os trabalhadores perdem sua identidade e sua raiz, perdem sua autonomia, perdem as referências de pertencimento, e são vistos como massas humanas, o esporte torna-se um instrumento fundamental de pertencimento. Fugaz, empobrecido, efêmero e também alienado, mas mesmo assim, uma forma de encontrar-se no outro.

Sobre isso, a fala do historiador Nicolau Sevchenko sobre os motivos que levaram o *Football Association*, esporte que em sua gênese era de exclusividade da burguesia, tornar-se rapidamente um fenômeno de massa, é bastante esclarecedora:

Assim, num curtíssimo espaço de tempo, o futebol conquistou por completo toda a população trabalhadora inglesa e, em breve, conquistaria a do mundo inteiro. Como entender esse frenesi, esse poder irresistível de sedução, essa difusão epidêmica inelutável? Parte da explicação está nas cidades, parte no próprio futebol. A extraordinária expansão das cidades se deu como vimos, a partir da Revolução Científico-Tecnológica, pela multiplicação acelerada da massa trabalhadora que para

elas ocorreu em sucessivas e gigantescas ondas migratórias. Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que imana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores. (SEVCENKO, 1994, p.35).

Nesse movimento de busca de identidade, o esporte é um excepcional instrumento de coalizão entre as classes. As massas trabalhadoras encontram pequenas migalhas de coalizão e identificação social, além de um espaço de extravasamento das tensões acumuladas no cotidiano desumanamente desgastante do mundo do trabalho. Por outro lado, as classes dominantes encontram no esporte uma forma de reforço dos fundamentos burgueses, incorporados pela massa operária, também em seu tempo de não trabalho.

Norbert Elias (1997), em seus estudos sobre o processo civilizador, complementa esse olhar sobre o esporte como instrumento hegemônico da cultura corporal. Argumenta o sociólogo, que o esporte é um dos elementos centrais no processo de transformação da civilização, exerce com isso, a função de apaziguar emoções e internalizar marcas disciplinares. Como o esporte moderno surge de práticas corporais antigas, algumas marginais, outras populares, onde a violência tinha um papel central. Ao longo do tempo, influenciado por transformações sociais, políticas e econômicas, e ao mesmo tempo as influenciando – na perspectiva de Elias, um processo cego (não planejado) - foram eliminando certas formas de violência, e controlando-as. Exercendo um papel fundamental no processo civilizador. É certo, que não se extingue

a violência das práticas corporais esportivas, mas se obtém o controle institucional da violência, aprisionando-a em espaços onde a violência pode ser administrada.

CORPORALIDADE E AMERICANISMO

Dentro desse cenário de transformação social, alicerçado pela infra-estrutura econômica do capitalismo de produção e alimentado por novas formas de comunicação e divulgação dos ideais dessa configuração sócio-política, também a corporalidade feminina tem um papel bem definido neste contexto que a princípio, se concentra na idéia de ser a guardiã dos cuidados dos corpos e da saúde da família.

Gramsci (2002), em sua análise sobre a nova configuração do capitalismo do início do século XX, que ele chamou de “Americanismo”²³, percebeu que estavam amarradas de maneira intrínseca com um processo pedagógico de sociabilidade da massa trabalhadora. Neste contexto situava-se de maneira bastante precisa o papel da mulher, que tinha como função ser; dona de casa, mãe zelosa na proteção e educação de seus filhos e cumpridora de seus “deveres” conjugais para com seu marido.

²³ Caracterizado pelo amadurecimento do capitalismo, centrada nas cadeias de montagem (fordismo) e na definição científica dos tempos, dos movimentos e das funções (taylorismo). Nesses termos, o Americanismo não se constituía num novo processo de produção, mas sim numa nova fase do capitalismo, que se manifesta de forma mais brutal. Mais racional e planejada de maneira ainda mais totalizadora, prevendo as ações, sentimentos e sensações do trabalhador. Criando uma ética social, onde a fábrica fordista é princípio e síntese.

Potencialmente promotora do “*american way of live*”, função social determinante para o desenvolvimento desta nova fase do capitalismo, principalmente, mas não só por isso, quando se observa a partir do ponto de vista econômico, já que as mulheres formavam uma “mão de obra doméstica” fundamental para dar sustentação física e moral à massa de operariado, e, portanto a todo sistema de produção.

O capitalismo não cessa de renovar-se, propaga agora pelo viés de uma identidade norte-americana sua nova forma de organização social moderna, que está condicionada a um estilo de vida centrado numa ética puritana, racionalmente programada a partir da economia de gestos. Nesse sentido, argumenta Gramsci (2001), a sociedade busca então, regularizar e conter a prática sexual do trabalhador, com a finalidade óbvia de não “desperdiçar” as forças produtivas, assim como busca disciplinar seu corpo, mantendo coerência com as imposições do mundo do trabalho na fábrica. Disciplina que se dá pela exaltação da monogamia, apoiada nos ideais do puritanismo.

Gramsci explica:

Deve-se observar como os industriais (especialmente Ford) se interessam pelas relações sexuais de seus empregados e, em geral, pela organização de suas famílias; a aparência de “puritanismo” assumida por esse interesse (como no caso do proibicionismo²⁴) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não for também racionalizado (GRAMSCI, 2002, ps. 251-252).

²⁴ Gramsci refere-se à Lei Seca, adotada nos USA em janeiro de 1919 e ratificada pela 18ª Emenda Constitucional, entrando em vigor em janeiro de 1920.

Temos aí, a estrutura econômica determinando uma forma de subjetividade constituída a partir de suas próprias necessidades.

É interessante que Gramsci, apesar de partir de outro campo de análise, nesse sentido, se aproxima dos frankfurtianos, ao apontar em seus estudos, a importância da dinâmica cultural da sociedade capitalista, que constrói uma superestrutura totalizadora, trabalhando com as funções psicológicas do trabalhador (nas palavras de Gramsci – psicofísicas), buscando seu consentimento ao novo modo de vida. A diferença entre Gramsci e a Escola de Frankfurt, está no otimismo que o primeiro mantinha na evolução tecnológica. Para ele, a partir de um olhar dialético, essa evolução tecnológica era portadora, também, de dimensões emancipatórias para os trabalhadores – menor desumanização física, maior tempo disponível para apropriar-se da cultura historicamente produzida, maior tempo de “não trabalho” que potencialmente poderia ser de reflexão crítica sobre sua vida no mundo, maior possibilidade de sociabilização revolucionária, etc. - Características estas, que não se efetivavam porque, neste processo de renovação do capitalismo, este combina de maneira competente; coerção, persuasão e consenso, fundamentada, por exemplo, em altos salários (para os padrões dos operários europeus da época), na exaltação do consumo (agora, mais acessível a esses trabalhadores), na individualização das relações trabalhistas, numa moral puritana e conservadora, etc.

De qualquer forma, o que temos, é a consolidação dos pressupostos ideológicos do capitalismo burguês.

A (RE) SACRALIZAÇÃO DO CORPO

Neste contexto a mulher vai sendo convocada para duas frentes de batalha aparentemente contraditórias, mas filiadas à mesma raiz ideológica. Assim, a mulher, ao mesmo tempo em que é educada para manter uma sexualidade casta e puritana, rodeada de discursos que cerceavam possíveis atrevimentos, seja na exposição de seu corpo, seja nas relações de sociabilidade, também é incitada a manter um cuidado maior com seu corpo, pois sabe-se agora, que beleza pode ser construída, basta para isso se valer dos inúmeros artefatos estéticos, agora acessíveis a um número cada vez maior de mulheres. É o nascimento da beleza em escala industrial, fatia de mercado que sabemos, não cessaria de crescer.

Também a prática esportiva, vai gradativamente sendo acessível às mulheres, que, na luta por sua emancipação, vai vencendo preconceitos, ganhando espaços antes restritos apenas ao gênero masculino; as ruas, praças, ginásios e estádios. A função do esporte para a mulher transitava entre a idéia fundamentada na tradição patriarcal de gerar filhos saudáveis, e outra mais compatível com os novos tempos, e que se refere a uma mulher ativa e dinâmica, que passa a ter destaque no processo produtivo, entrando no mercado de trabalho de maneira intensiva, principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial.

Os discursos vão se modificando, as condições sócio-econômicas vão se transformando, interferindo e ao mesmo tempo sofrendo influência das práticas corporais. A partir do desenvolvimento tecnológico que vai se expandindo por toda cadeia produtiva, e difundindo-se, em níveis diferentes é verdade, por todo o mundo, alguns conceitos relacionados ao tempo de “não trabalho” vão sendo reordenados. O hábito de repousar nos fins de semana vai sendo gradativamente modificado, constrói-se agora, um discurso onde o correto é movimentar-se, Sevcenko explica:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, exercitando o espírito. (esses hábitos) são arduamente exercitados, concentradamente no fim de semana, mas a rigor incorporado em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana (SEVCENKO, 1992, p.33).

Nesse período, Pós Primeira Guerra Mundial, ocorre segundo o sociólogo Norbert Elias, um “relaxamento moral”, caracterizado por um autocontrole altamente rigoroso dos próprios impulsos do indivíduo, sendo então possível expor algumas partes do corpo, fato impensável até então, onde o conservadorismo moral e o puritanismo imperavam de maneira controladora. Algumas outras características deste relaxamento moral na relação com o corpo podiam ser constatados, por exemplo, na ampliação ao acesso ao esporte, tanto pelos operários, como pela mulher. Na incorporação de um vestuário feminino mais ousado, seja pelo estilo, seja pelos novos tecidos utilizados. Elias explica:

No século XIX cairia no ostracismo social a mulher que usasse em público os costumes de banho ora comuns. Mas essa mudança, e com ela toda difusão de esportes entre ambos os sexos, pressupõe um padrão muito elevado de controle de impulsos. Só numa sociedade na qual um alto grau de controle é esperado como normal, e na qual as mulheres estão, da mesma forma que os homens, absolutamente seguras de que cada indivíduo é limitado pelo autocontrole e por um rigoroso código de etiqueta, podiam surgir trajes de banho e esporte com esse relativo grau de liberdade. É uma relaxação que ocorre dentro de um padrão civilizado (ELIAS, 1994, p.186).

A interconexão corpo-sociedade absorve e reflete as novas transformações. Assim, uma sociedade que expande para todas as formas de relação os pressupostos do controle e planejamento dos corpos à imagem da fábrica mecanizada, ideal de um capitalismo centrado na produção em massa. Ao consolidar esse propósito, pode “tolerar” formas mais ousadas de expressões corporais. Somado a isso e não menos relevante, está o fato de o capitalismo, instrumentalizado pelo avanço tecnológico, produzir mercadorias em excesso, e assim necessitar de novos mercados de consumo, a classe trabalhadora é o primeiro alvo dessa expansão do mercado de massa.

Com isso, vai se formando uma nova corporalidade que é impulsionada pelo crescimento de quatro grandes áreas do setor industrial; a indústria cinematográfica, a indústria de cosméticos, a indústria da moda e a da publicidade. Hollywood, motor propulsor de todos esses setores da indústria, divulga a imagem de um corpo esbelto e esguio, cristalizando a idéia do corpo magro como referência estética, sobrepondo-se ao corpo gordo. Este corpo magro, sabemos bem, ao longo dos anos será constantemente fortalecido, resignificado, alargado, constituindo-se não apenas num pressuposto estético, mas também, moral e ético.

Posteriormente, após a Segunda Guerra Mundial, com o fortalecimento do Estado de Bem Estar Social e sua aplicação em escala mundial, nos países capitalistas, seja para amenizar os problemas causados pela crise de 1929 e agravados pela guerra, seja para responder às lutas dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e vida, ou para contrapor-se ao comunismo, que ganhava força revolucionária em todos os cantos do mundo.

O fato é que, do ponto de vista da gestação de uma nova corporalidade, o *Welfare State*, favorece a expansão do tempo de lazer. A conquista de férias remuneradas, acrescida de um terço do salário possibilita a uma massa da população, até então excluída, o acesso ao lazer. Tendo efeito imediato na explosão dos campings e na popularização das praias²⁵. Ocorre a “revolução de veraneio”, que impõe um novo conceito de férias de verão. O corpo, agora muito mais exposto ocupa um espaço central neste contexto (CASTRO, 1997).

A publicidade descobre que o corpo humaniza as mercadorias atribuindo-lhes virtudes inimagináveis, passa então a difundi-lo de maneira avassaladora, alargando os conceitos de higiene e saúde, exaltando um novo padrão estético, associando-se a atletas e astros de cinema que vendem sua imagem e com ela vendem também uma infinidade de produtos, impondo um novo comportamento à sociedade, Castro explica; “ao colocarem suas imagens (estrela de cinema com sorriso branco e cabelos brilhantes anunciando creme dental e xampu), esses profissionais colocavam em jogo novas práticas, difundiam uma nova maneira de lidar com o corpo e um novo conceito de higiene” (CASTRO, 1997, p.03). Um pouco mais tarde, é a “revolução sexual” que

²⁵ A professora Carmen L. Soares relata que a elite brasileira relutou muito contra o hábito de tomar banho de mar, pois via na pele bronzeada (pele escura) um sinal característico da população pobre, trabalhadora braçal sob o calor do sol, em contraposição à pele branca, motivo de diferenciação social das classes mais abastadas – Anotações de aula da disciplina em Mestrado/Doutorado - Corpo, Imagem e Educação – Faculdade de Educação, Unicamp – 2008.

amplia a idéia de uma corporalidade mais autônoma e menos repressora, aliada a pílula anticoncepcional e ao fortalecimento do movimento feminista. Instaura-se o fenômeno da contracultura, onde o corpo é instrumento de transgressão, pela sexualidade e pelas drogas.

Anuncia-se um novo tempo. Há esperança no horizonte, o contexto social indica um novo olhar para o corpo, uma nova vivência desse corpo. Corpo livre, erótico, sensual e sexual. Avista-se uma nova corporalidade, grávida de liberdade e autonomia, que aumenta sua força na mesma proporção em que suas experiências corporais se diversificam. Corporalidade que agora nega a moral burguesa, contesta o casamento, a monogamia, a virgindade, a heterossexualidade. A macrobiótica e as terapias corporais e sexuais, os hippies e o amor livre, afirmam de maneira contundente essa nova ordem. O prazer, que era motivo de escárnio, agora impera como ordem primeira. Reich (CODO E SENNE, 1985 e LASCH, 1983) é inspiração e fundamento para essa corporalidade que busca uma tomada de consciência do corpo e do mundo pela liberação sexual.

O corpo, dessacralizado na Renascença, desvalorizado no processo de implantação do capitalismo produtivo, agora vai ganhando status de sagrado. Os pressupostos do culto ao corpo contemporâneo começam a se explicitar. Foge-se dos valores tradicionais, contesta-se a repressão familiar, nega-se a culpa pelo desejo, se combate o rigor moral. Procura-se viver de maneira mais aberta, onde a tolerância e a permissividade substituam os valores inflexíveis da família burguesa tradicional.

Para o sociólogo Christopher Lasch (1983), o movimento de contestação gestado nos anos subseqüentes ao Pós Guerra, para surgir com muita força nos anos sessenta se

fundamentam, principalmente; na crítica a família tradicional burguesa e na exaltação à liberdade sexual.

Com relação à família tradicional, Lasch aponta como características importantes, por exemplo, a incorporação de uma ampla sociabilidade que reúne primos, tios, avós, irmãos, sobrinhos, filhos, etc, que, ao mesmo tempo que forma uma grande rede de interação social, também se constitui num elemento controlador dos projetos e das formas de vivência de seus membros. Outra característica intrínseca da família burguesa tradicional é seu modelo hierarquizante, centrado na autoridade paterna, que toma para si a direção dos projetos de vida dos filhos.

Características estas, que eram contestadas pelo movimento da contracultura, que advogava de maneira intransigente, outra forma de organização familiar, onde a igualdade dos papéis fosse sua marca mais importante. Assim, critica-se a autoridade paterna, promovendo uma relação de horizontalidade, menos centralizadora e mais aberta. Os papéis familiares vão perdendo suas especificidades, o mesmo ocorre com as responsabilidades de cada membro familiar. Onde antes era um espaço de ampla sociabilidade, agora se torna uma família nuclear e individualizante. Não é necessário prestar mais conta de seus atos, nem de seus projetos. Não se tem mais compromisso com as tradições e ideais familiares.

A repressão sexual, consagrada na tradição burguesa, ganha ares de permissividade, tornando-se um elemento fundamental no processo de transformação das relações familiares e também de uma nova postura na vivência do corpo. Assim, se não há mais necessidade de honrar hábitos e tradições familiares, também não é necessário se enquadrar dentro dos preceitos de moralidade tradicional. A sexualidade ganha um amplo espaço para novas experiências, agora livre das interdições sociais

clama-se por maior tolerância. A busca pelo prazer torna-se uma regra que deve ser perseguida por todos.

Tudo parece ser questão de tempo, a sociedade capitalista, consagrada a partir de uma moral burguesa de raiz judaico-cristã; repressora, puritana e casta, ao se transformar, ao constituir-se de maneira mais igualitária, ao renovar suas regras morais, ao libertar-se da repressão sexual e viver uma corporalidade livre, segundo o raciocínio de seus ideólogos, gradativamente irá modificando as outras formas de relação social até transformar-se por completa surgirá então, uma sociedade livre e humana.

Os passos seguintes foram dados de maneira firme em direção a libertação do corpo, colocando-o cada vez mais na centralidade das relações dentro da sociedade capitalista. Corpo que vai ganhando um espaço nunca antes alcançado em termos de visibilidade e status social.

Se a exposição pública do corpo se inicia, no século XX, nos momentos de férias de veraneio, agora sua exposição passa a ser cotidiana, como podemos ver, por exemplo, na proliferação das academias de ginásticas. Constrói-se uma forma de vivenciar a corporalidade que advoga para si a idéia de saúde como um valor que se encerra nele mesmo. É o advento da “geração saúde”, que aponta o corpo como o elemento que pode elevar a existência humana a uma vida plena, desde que cuidado dentro de rígidos padrões de controle.

Também as clínicas de cirurgias estéticas se popularizam, baixando seus preços, que antes eram acessíveis apenas as classes mais elevadas, agora, chegam às classes menos favorecidas, criando-se para isso financiamentos de longo prazo e até consórcio. Os spas também se proliferam por todo o mundo. A indústria alimentar investe muito dinheiro em pesquisa e tecnologia para adequar-se as novas formas de cuidados

corporais, assim como a indústria de cosméticos e da moda. A mídia tem no corpo um poderoso ícone, que ao mesmo tempo em que reafirma sua centralidade, também o explora de múltiplas formas: programas e revistas especializadas, referências imagéticas explícitas e subliminares, publicidade, brinquedos, novelas, filmes, etc. Sobre essa visibilidade do corpo na sociedade contemporânea Featherstone²⁶ diz; “nenhuma outra sociedade na história (...) produziu e disseminou tal volume de imagens do corpo humano através dos jornais, revistas, anúncios e das imagens do corpo em movimento na televisão e nos filmes como a nossa” (FEATHERSTONE, 1994, IN: CASTRO, 1987, p.06).

Com relação à sexualidade, sua liberalização se dá de maneira cada vez mais ampla. Nessa direção, contesta-se o determinismo biológico das identidades sexuais, fato que fortalece seu processo de flexibilização. A virgindade que historicamente se manteve como instrumento de opressão das condutas sexuais femininas, fator de distinção moral, perde sua importância, chegando até ser motivo de discriminação invertida nos grandes centros urbanos. Os papéis sexuais se ampliam. O sex shop se populariza. As comunidades homossexuais se proliferam tendo como pano de fundo a disseminação da AIDS. Surge a fertilização *in vitro*, e o tratamento para disfunção erétil. Popularizam-se as terapias sexuais, assim como os bancos de sêmen. Desenvolve-se a terapia de reposição hormonal, o controle da menstruação e o Viagra.

O sexo, que se manteve como tabu por séculos, ganha espaço determinante na mídia que o expõe de maneira crescente, assim como incrementa-se a indústria do sexo, grande cadeia de produção que vai da prostituição aos terapeutas, da indústria farmacêutica a rede hoteleira.

²⁶ M. Featherstone, O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento, IN: G. Debert (Org.) Antropologia e Velhice,

Mas, apesar de todas essas transformações, apesar do processo de liberalização moral e sexual ter se desenvolvido de maneira incessante, as formas de dominação, exclusão e morte do homem também se fortaleceram, tornando-se ainda mais intolerante, excludente e alienante.

CAPÍTULO IV

A CULTURA DO NARCISISMO

A ÉTICA DA SOBREVIVÊNCIA

A esperança de revolução social pela contracultura não se efetiva, ao contrário, é incorporada pelo capitalismo como uma nova fatia de mercado, promissora do ponto de vista do lucro e eficiente do ponto de vista ideológico.

Como isso foi ocorrer? Por quê?

Para Lasch (1983), os principais fundamentos da contracultura; a liberdade sexual e o ataque à família tradicional burguesa, fonte de toda repressão emocional e sexual, não poderiam trazer, como realmente constatamos hoje, não trouxeram, nenhuma paz emocional e nem espiritual para o homem contemporâneo, ao contrário disso, levou-o a um processo de reificação ainda maior.

Lasch explica que, ao criticar o modelo familiar que dava sustentação moral e emocional ao indivíduo e promovia uma sociabilidade comunitária – um refúgio num mundo desumanizado - a contracultura promove uma relação familiar anômica, promove literalmente uma ausência de normas de conduta, que irá se constituir em um elemento dificultador para que o indivíduo se relacione com exigências sociais que se contraponham aos seus próprios desejos. Com isso, as normas de conduta utilizadas são baseadas na vontade de cada um. E a família de ampla sociabilidade vai se transformando gradativamente em uma família nuclear, reduzida a esfera da

necessidade de convivência mínima, onde impera o individualismo. Forma-se uma cultura onde o conflito é visto como uma disfunção que deve ser evitada a qualquer custo. Assim, a autoridade dos pais é trocada por um igualitarismo artificial, onde os papéis se confundem, perdendo o sentido do certo e do errado, tudo é relativizado, e esta relativização se dá a partir do próprio interesse. Está formado o alicerce para uma cultura narcisista.

A liberalização sexual, por sua vez, a partir da recusa em enquadrar-se nos padrões morais tradicionais e fugir da repressão sexual, elege a busca do prazer como fundamento maior da vida, sinônimo de felicidade. Prazer que é perseguido de maneira furiosa, nas sensações do corpo, do seu próprio corpo, do seu próprio bem estar. A felicidade, antes centrada na interação de sentimentos entre duas pessoas, torna-se “felicidade sensorial, fruto de prazer excitatório que deve ser prolongado ao máximo” (DAÓLIO, 2006, p.58).

O outro, como fonte de relação, e idealmente, espaço de completude, agora passa a ter valor apenas como instrumento de prazer. O cuidado de si passa a significar o cuidado com o corpo físico, renegando a idéia de que cuidar de si vai além do compromisso com ele próprio, incluindo, por exemplo, a possibilidade de que o cuidado de si pode contemplar a construção de um comportamento ético, a preservação de hábitos sociais ou a busca de relações comunitárias. Constrói-se nas palavras de Daolio, citando o psicanalista Jurandir Freire Costa²⁷, uma “personalidade somática”, “o corpo torna-se o próprio fim da busca individual” (Ibidem, p.58).

²⁷ O Vestígio e a Aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo, Jurandir Ferreira Costa, 2004

Costa (IN: DAOLIO, 2006), refere-se àquilo que Lasch denominou de moral burguesa tradicional, como “moral dos sentimentos”, onde a autoridade e os projetos de vida eram construídos a partir da tradição, substituídos por aquilo que chamou de “moral do espetáculo”, referindo-se a heteronomia, a falta de regras, a fugacidade das relações e dos valores.

Sobre isso, Daolio explica:

A moral dos sentimento pressupunha a tradição e a autoridade de pessoas coisas, valores, certos ou erradas, boas ou más, essa tradição e essa autoridade ofereciam aos indivíduos determinados modelos de vida, projetos de continuidade do mundo e desejos de futuro, (...) Na lógica contemporânea, tudo passa a ser fugaz e está em constante transformação. A realidade é efêmera, o que anula a autoridade tradicional de fatos e pessoas, que passam a ser considerados sempre como autoritários (Ibidem, 2006, p.59).

Ao renunciar aos preceitos morais tradicionais, o homem contemporâneo renega todas as instâncias que lhe forneciam alguma identidade, descrente de tudo ele só acredita nele mesmo. Família, religião, partido político, as grandes utopias coletivas, o trabalho, todos são portadores de sua descrença. Por isso, ao abdicarem de um projeto de vida futura, a perspectiva de vida torna-se o “aqui e agora”.

O passado é desolador, gerou grandes esperanças, que não se cumpriram, assim a História se torna desnecessária, Lasch explica, “no passado os historiadores admitiram que o homem aprendia a partir de erros anteriores. Agora que o futuro parece conturbado e incerto, o passado parece irrelevante” (LASCH, 1983, p.12).

Na ausência de projetos de vida futura, na renúncia à luta por justiça social, na falta de sentido em dar continuidade a projetos de gerações anteriores, o que se constata

é a “ética da sobrevivência”, marca distintiva de uma sociedade onde predomina a cultura do narcisismo, “as condições sociais encorajam uma mentalidade de sobrevivência (...), as pessoas deixam de sonhar com a superação das dificuldades, e simplesmente passam a sobreviver a elas” (Ibidem, p.75).

Impotentes diante do mundo, os indivíduos contemporâneos se sentem atemorizados pelo esgotamento dos recursos naturais; amedrontados pela violência generalizada das grandes metrópoles, das guerras travadas sem necessidade de justificativa pública, das guerras santas com seus homens bombas, das guerras sem fim. Desesperançados com o crescimento da desigualdade social, apesar do aumento sem precedentes da riqueza no mundo. Descrentes das soluções políticas; decepcionados com as grandes narrativas coletivas - cristianismo, socialismo/comunismo - Imersos numa burocracia totalitária que procura controlar emoções, sentimentos e desejos, então o único sentido é a sobrevivência, a sua própria sobrevivência, esta é a lógica de um indivíduo descrente de tudo. É desse contexto que nasce o homem narcisista contemporâneo, vivendo somente para o momento, observa apenas o próprio desempenho e vive pela gratificação imediata de seus impulsos.

O homem narcisista tem medo da intimidade; demonstra sua superficialidade nas relações, apresenta uma pseudo auto percepção; vive da promiscuidade sexual; tem horror à velhice e a morte. Sua descrença em projetos futuros, segundo Lasch, embora baseada em pressupostos reais, é o que denuncia de maneira mais explícita sua personalidade narcísica, pois não consegue se identificar com a posteridade, nem de sentir parte do fluxo da história. Sobre isso Lasch comenta: ”a ética da auto preservação e da sobrevivência psíquica está, então radicada não apenas nas condições objetivas da

guerra econômica, nas elevadas taxas de crime e no caos social, mas na experiência subjetiva do vazio e do isolamento” (Ibidem, p.77).

O homem narcísico é indiferente a tudo e a todos que não lhe dizem respeito diretamente. Perdeu a capacidade de indignar-se com o mundo. É exatamente dessa decepção com o mundo, desse estranhamento com a condição humana, dessa falta de identificação com o outro, dessa consciência regredida que sente sua falta de individualidade e percebe-se como mais um elemento na massa humana, que o homem vai procurar desesperadamente sua singularidade.

Nesse contexto de descrença em tudo e todos, o consumo aparece como um oásis de felicidade. A mercadoria anunciada em imagens espetacularizadas, fornece a perspectiva de vida e prazer que o indivíduo não encontra no mundo cotidiano. A mercadoria oferece um projeto de vida, simples e rápido em direção à felicidade. Felicidade, esta, que diferente daquele sentimento interior, difuso, complexo e de difícil alcance, é oferecida de maneira concreta e palpável, felicidade que se torna, assim, um bem material, basta para isso comprá-la em forma de mercadoria, à venda em qualquer shopping center.

As mercadorias, anunciando-se como signos de humanização, elas próprias portadoras de poder e liberdade. Substitutas pragmáticas da família, religião ou utopias coletivas, se apoderam também da metafísica quando prometem transmutar-se por mágica à identidade do indivíduo que as compra, que assumiriam seus signos, e conquistariam a felicidade.

O capitalismo de consumo se serve de maneira incrivelmente competente deste estado psíquico e contexto social. Oferece-lhe mercadorias e transforma sua insatisfação

em necessidades de consumo. Consumo que não tem dificuldade em incorporar para si aquilo que a princípio se rebelava contra ele. Assimila a rebelião e o protesto, transformando-os em mercadoria para consumo em massa, criando uma nova fatia de mercado. Assim, por exemplo, o movimento hippie nascido da contracultura se transforma em estilo de vestuário vendido em boutiques *undergrounds*, assim como seu estilo de vida é transformado em *resorts* ecologicamente corretos que exploram o contato com a vida natural. A alimentação natural vira cadeia de restaurantes, lanchonetes e supermercados globalizados. Retiram-se alguns atributos, modificam-se outros, e assim, pasteurizados, vão se conformando à sociedade do capitalismo de consumo.

A sexualidade se torna um instrumento fundamental dentro desta cultura da pasteurização, e, de seu sentido de transgressão originário na contracultura, se transforma em publicidade, turismo e prostituição. Seu componente de rebeldia e de contestação sobre um mundo alienante se transforma também em produto daquilo que pretendia denunciar, sobre isso Adorno e Horkheimer dizem, “a sexualidade pasteurizada é um retorno ao cotidiano alienado, ao desejo excitado por nomes e imagens cheios de brilho, o que enfim se serve é o simples encômio do cotidiano cinzento ao qual queria escapar” (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p.115).

Lasch define bem a relação entre sociedade e consumo nos tempos atuais quando afirma; “a civilização industrial dá lugar a uma filosofia da futilidade” transformando a “alienação em mercadoria” (LASCH, 1983, p.103). Dessa desolação com o mundo contemporâneo, o consumo vira cura, e, ao mesmo tempo cria novas insatisfações. Estrutura-se de maneira definitiva a sociedade de consumo, momento civilizatório onde a felicidade pode ser objetivada em uma mercadoria. E aparentemente

de modo contraditório, se fortalece quando não cumpre sua promessa, porém sua lógica não tem nada de contraditória, é sim pragmática, pois ao não preencher o vazio espiritual com o consumo, refaz a promessa em mais consumo. Cria um processo que se retroalimenta incessantemente, não cessa de gerar insatisfação, que se apaga a partir da esperança de felicidade na aquisição da próxima mercadoria, criando um processo neurótico/obsessivo sem fim.

Se o consumo se transforma nessa eterna promessa de felicidade, o outro espaço que o homem narcísico vai buscar refúgio é no seu corpo.

Pois, se no contexto social em que vive o que se vê é uma descrença no passado ou futuro, um descrédito nas perspectivas coletivas do devir, então o presente deve ser vivido plenamente, para isso o corpo deve ser eternizado, manter-se jovem e assim, resistir à instabilidade do mundo. Com isso, também o corpo torna-se portador de uma promessa de reencontro consigo mesmo num mundo desencantado.

Ocorre que, numa sociedade totalmente administrada a partir da ética do consumo, o corpo também se conforma e reflete os pressupostos dessa configuração social. Assim, saúde, beleza, sexualidade, como vimos anteriormente, são transformados em mercadoria e ao serem impulsionados pela força dos meios de comunicação de massa, são difundidos em todo o mundo, criando também a partir da corporalidade uma forma de homogeneização, que se expressa num modelo bastante específico de corpo, transmitido cotidianamente pela publicidade, cinema e televisão, e que se impõe como o padrão de corpo ideal e novo arquétipo da felicidade contemporânea, vendido a todos, mas acessível apenas a poucos, ainda assim, por pouquíssimo tempo.

Cuidar do corpo, se transforma predominantemente, em buscar se parecer com o ideal de corpo vinculado pela mídia. Se apresentar em público ajustado dentro desse padrão de corpo vai se tornando uma necessidade. Note bem, necessidade engendrada pelo próprio sistema, que responde essa necessidade com mais mercadorias para serem consumidas.

Mercado que exerce uma dupla função sobre o corpo: transforma-o em meio de consumo, que deve ser adornado, desenhado, redesenhado, alimentado, vestido, etc. E o coloca como signo fundamental de uma sociedade que se estrutura a partir do consumismo, portador de uma identidade específica, com valores, atitudes, comportamentos e idéias que refletem seus ideais, e sua ideologia. Corpo jovem, magro, dinâmico, sensual, alegre, despreocupado, feliz, saudável e belo.

Vende-se através do corpo produtos, mas vende-se principalmente e concomitantemente um modo de vida. Um padrão de existência onde a felicidade é demarcada por uma determinada configuração estética do seu corpo, e também pela necessidade de consumir. As duas formas contemporâneas de combater o vazio existencial de uma vida sem perspectiva. Formas que rapidamente vão se tornando universais. A filósofa e estudiosa do corpo Ana Marcia Silva explica:

Dada a expansão do mercado de modo globalizado, a expectativa do corpo e as tecnologias do corpo formuladas a partir da esfera da troca e da circulação das mercadorias, tendem a se universalizar. (...) A hegemonia da economia de mercado ante as outras instituições, inclusive a científica, conforma a expectativa de corpo, a partir da razão instrumental que a fundamenta ” (SILVA, 2001, p.63).

O corpo se torna um fetiche, tal qual preconizou Marx no século XIX. Torna-se valorizado como mercadoria, vira signo de consumo, modo de vida idealizado, mas

ainda assim mercadoria pura. Ocorre que, ao se transformar em mercadoria se desumaniza e assim não tem valor algum, não tem humanidade é puro objeto que ao se valorizar se desvaloriza.

Reich (CODO E SENNE, 1985), ao valorizar as expressões da cultura sem modificar suas estruturas materiais, foi absorvido pelo capitalismo e o transformou em mais um produto vendável no mercado. Tornou-se uma nova fatia de mercado, sem sequer arranhar suas bases.

Alienado, reificado, desesperançoso, consumista, o homem narcisista tem na sobrevivência individual seu único objetivo. Assim ele tenta, ao voltar-se para seu corpo, ao cuidar de seu físico, reapropriar-se de sua individualidade, perdida numa sociedade que o vê como massa humana. Tentativa desesperada de reencontrar-se consigo mesmo, de se ver como sujeito de sua própria ação. De se sentir como sujeito. Manobra psíquica que busca evitar o sentimento de abandono decorrente de sua solidão individual, Lasch vai chamar essa regressão de um *Mínimo Eu*, “sob assédio, o eu se contrai num núcleo defensivo, em guarda diante da adversidade. O equilíbrio emocional exige um eu mínimo, não o eu soberano do passado” (LASCH, 1990, p.09).

Ocorre um retorno a um estado psíquico infantil. O indivíduo procura nesse estado de regressão psíquica, uma identidade sólida e estável, onde supostamente pode encontrar uma “modalidade tranqüila de gozo” (COSTA, 1998). A libido é subtraída do objeto, em outros termos, é retirada do mundo exterior, das relações com o outro, de onde não consegue gratificação e volta-se para o próprio sujeito. É o narcisismo secundário de que nos fala Freud, narcisismo que:

É resultado último da identidade autoconservadora entre o particular e o universal. Uma configuração psicológica que associa o máximo de individualismo, de acordo com o qual mantém-se uma relação instrumental com o mundo, com a destruição do próprio indivíduo, ou melhor, do seu Eu (AMARAL, 1997, p. 18-19).

Ao voltar-se para ele mesmo e menosprezar tudo aquilo que não lhe faz referência diretamente, o indivíduo; alienado de seu trabalho, despojado da possibilidade de encontrar sentido em suas próprias ações, empobrecido em sua capacidade de desenvolver uma subjetividade reflexiva e criativa, descrente das instituições tradicionais, cético quanto às grandes utopias coletivas e temeroso de encontrar-se no/com o outro; quando volta-se para seu próprio corpo como forma de obtenção tranqüila de prazer, impõe a ele as mesmas estruturas da qual estava fugindo, aumenta sua alienação para com o mundo, se torna ainda mais reificado.

Se o corpo se transforma em uma “mercadoria fetiche”, dentro dos pressupostos pensados por Marx, levando o indivíduo a valorizá-lo como signo de consumo. Místico, pois portador de valor transcendente, que ganha força ao desumanizar-se, e, ao mesmo tempo, um objeto material como qualquer outro, que deve ser manipulado, transformado, redesenhado dentro dos padrões estéticos hegemônicos, fundamento do culto ao corpo.

Culto ao corpo que nos termos contemporâneos, vira corpolatria, e assim se transforma em fetiche dentro dos pressupostos construídos por Freud, "objeto sexual normal é substituído por outro que conserva alguma relação com ele, mas é inteiramente inadequado para servir ao objetivo sexual normal" (FREUD, [1905] 1996, p.145) e transforma-se em patológico quando torna-se o único objeto sexual. O fetiche, assim, funciona “como um memorial que está no lugar de algo, do vazio. Porém, ao colocar

algo no lugar, marca-se, mais que tudo, a existência da falta, operação da ordem do simbólico, como presença de uma ausência” (MELLO, 2007). O corpo vivido como objeto patológico, se tornou um fetiche nos termos concebidos por Freud, pois substituiu a relação com o mundo externo, com o outro, e torna-se instrumento obsessivo de prazer, solitário e individualista. As relações com o outro existem para retirar desse, o máximo de prazer para o próprio indivíduo. São relações de posse, pragmáticas e superficiais.

Assim, pode-se dizer que o culto ao corpo contemporâneo, é um sintoma que reflete de maneira cristalina as interações entre estruturas psíquicas e estruturas sociais. Representação simbólica/concreta de um vazio existencial face às decepções com o mundo contemporâneo. A corpolatria é uma expressão concreta do narcisismo patológico, sintoma de um mundo desencantado. Narciso renasce e morre nos espelhos do shopping.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

CULTO AO CORPO E EDUCAÇÃO

Assim, revisitando a história do corpo no ocidente, em síntese temos: um corpo renascentista dessacralizado e mecanizado. Um corpo alienado pelo trabalho que interdita o desejo e impõe uma moralidade rígida e casta em nome dos benefícios que o capitalismo produtivo burguês irá criar. Um processo de empobrecimento da subjetividade, e com ela as formas de expressão corporal, que, resignada se adapta ao controle cada vez mais totalitário da ética do consumo em massa. A sobrevalorização da mercadoria, em escala cada vez maior e a coisificação do homem na mesma velocidade. A luta por uma revolução cultural, a contestação e crítica da moralidade burguesa, o renascimento do corpo, e sua crescente centralidade na vida contemporânea. A cooptação pelo capitalismo dos discursos, comportamentos e ideais, que se transformam em novas fatias de mercado, globalizando-se, assim se deu com as práticas corporais e com a sexualidade. A descrença, a desesperança, o medo do outro, o “aqui agora”, o pragmatismo, a instrumentalização do outro - do sexo – do corpo. O prazer individual, o prazer centrado no próprio eu, o desinvestimento libidinal no objeto, a descrença no mundo exterior, o refúgio no próprio corpo, a busca desesperada de um “mínimo eu” a partir de um comportamento que se reporta a um “máximo eu”.

Corpo adornado, exercitado, remodelado, bem vestido, corpo consumidor, corpo mercadoria “fetichizada”. Por outro lado, temos o corpo como signo do modo de vida da sociedade de consumo. Corpo jovem, belo, leve, saudável, descompromissado, sensual, sexual, magro, alegre. Corpo objeto de fetiche. Corpo doente.

O corpo se torna ao mesmo tempo: mercadoria fetiche, coisificado, reificado, e também, objeto de fetiche, substituto das relações com o outro, objeto de prazer efêmero, solitário, autocentrado e insatisfatório.

Dentro desse contexto, o que fazer? Existe possibilidade de mudança desse estado de coisas?

Adorno em seu texto Teoria da Semiformação²⁸ diz, “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação” (ADORNO, 1996, p.411), fornecendo assim pistas que apontam para possíveis ações que podem auxiliar as pessoas na busca por uma capacidade crítico reflexiva, e conseqüentemente, na aquisição de maior autonomia e liberdade para pensar, sentir e agir.

Assim, para Adorno a transformação de uma subjetividade reificada, de uma percepção alienada do outro, alienada das relações e da interação com o mundo, passa necessariamente pela possibilidade de reflexão crítica sobre os instrumentos de formação cultural a que os indivíduos são submetidos, e conseqüentemente, ao estado de semiformação a que estão sujeitos.

²⁸ Adorno explica a relação entre seminformação e capitalismo; “*semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria*”, Theodor Adorno, Teoria da Semicultura, p. 400, IN: Educação e Sociedade, Ano XVII, dezembro de 1996.

Nesse sentido, um caminho possível, seria garantir a possibilidade de refletir criticamente sobre os instrumentos de formação da consciência na vida contemporânea, por exemplo; publicidade, televisão, internet, cinema, jornal, revista, veículos de informação que se transformaram em construtores de um modelo de vida, referências de grande impacto na percepção sobre o mundo.

A garantia dessa possibilidade de reflexão crítica deve passar necessariamente pela escola, espaço de acesso à cultura humana, e no Brasil, uma instituição que recebe quase a totalidade da população em idade escolar, e, em que pese às diferenças na qualidade, estrutura e níveis sócio econômico dos alunos, o tempo de escolarização parece caminhar em direção a um processo crescente de aumento, fator que aumenta a responsabilidade da escola na direção de garantir o acesso a um conhecimento de qualidade a todos os alunos.

Ocorre que a escola, e agora nos valem os estudos do sociólogo francês Louis Althusser (1998), tem como função social ser um instrumento de reprodução ideológica do Estado, ou seja, seu papel social é transmitir as regras, valores, conceitos éticos e comportamentos, do grupo social que tem o poder político/econômico. Dito de outra forma: o papel da escola é reproduzir a ideologia do capitalismo. Althusser argumenta que este papel se dá porque a função da escola é determinada fora dela, e ocorre pelo conjunto de interesses políticos/econômicos em jogo dentro da sociedade.

Interesses que são traduzidos na formação dos currículos escolares e conteúdos que devem ser transmitidos, nas formas de avaliação, estratégias de ensino, normas/regulamentos/leis, regras de disciplinarização, hierarquias de autoridade, etc, que determinam e controlam o conceito de verdade, valorizando formas de cultura, sociabilização e comportamentos que levem em conta o modo de vida do capitalismo.

Assim, se constatamos um crescimento cada vez maior de adolescentes e jovens que se relacionam com seu corpo de maneira obsessiva e instrumentalizada. E, se pensarmos a escola, e seu papel social, na perspectiva de Althusser - Aparelho Ideológico do Estado – e analisarmos como o Corpo tem sido tratado hegemonicamente pela escola - superficialidade/acriticidade – poderíamos dizer, que a escola está em total conformidade com o papel social que a ela é destinada, a saber, reprodução da ideologia da sociedade de consumo.

A partir dessas considerações, é mais fácil entender o resultado das pesquisas de Bertolli e Obregon (2000), que mostra como a maioria dos professores pesquisados abordam o estudo do corpo na escola – ou seja, pelo seu “funcionamento biológico/mecânico” – e a reação desses professores ao serem questionados sobre a relação alienada e fetichista que seus alunos têm com o corpo – eles “gostam disso mesmo”, “eles são assim mesmo” – reações dos professores que demonstram, também a sua resignação/concordância com esse comportamento. Na perspectiva de Althusser, são atitudes que reproduzem de maneira eficiente a ideologia dominante.

Mas, se é verdade que podemos constatar isso na realidade escolar, é verdade também que a escola é um espaço dialeticamente conflituoso, não é um espaço que incorpora mecanicamente as determinações sociais e políticas. Nesse sentido, mesmo sob condições desfavoráveis como são as condições contemporâneas, a escola tem uma potencialidade transformadora. Se a observarmos em outros momentos históricos, em condições tão desfavoráveis quanto hoje, quem sabe, até numa situação pior, a escola, integrada organicamente ao processo de transformação social, se converte num espaço revolucionário. Exemplos não faltam: a educação popular de Paulo Freire e a organização política das comunidades marginalizadas; a pastoral da criança, ligada a

Teologia da Libertação, que instrumentalizada pelas escolas, pré-escolas e creches, operou uma revolução nas estatísticas relativas à mortalidade infantil, à saúde da mãe/família e aos direitos da mulher pobre, moradora das favelas metropolitanas e grotões do interior dos países subdesenvolvido-miseráveis; na revolução Cubana, Sandinista, Zapatista e outras, portadoras de esperança de um mínimo de dignidade humana para os excluídos, que tiveram nas escolas, professores e alunos, o protagonismo na luta por transformações sociais e políticas, entre muitos outros exemplos que poderiam ser citados.

Portanto, da mesma forma que a escola é determinada socialmente para reproduzir a ideologia, hoje do capitalismo de consumo. A partir de um processo dialético, ela pode construir espaços de reflexão crítica sobre as determinações a que os indivíduos são submetidos. Incorporar em seu conjunto de conhecimentos elementos que estabeleçam criticamente uma relação entre o conteúdo escolar específico e as formas de sociabilização contemporânea. Refletir criticamente sobre o conteúdo das mídias e da publicidade, como temas que tem conexão direta com as disciplinas escolares, e que são extremamente significativas para a vida do aluno – seu mais eficaz instrumento de compreensão do mundo. Proporcionar espaços onde convivam, quem sabe, até de maneira conflituosa, o movimento de criação/reflexão sobre a arte e a cultura, tendo como fundamento o aprofundamento ao conhecimento acumulado historicamente pelo homem. Construir projetos solidários que levem em conta a relação com o outro, e, portanto, que observem que é na relação extrapessoal que o indivíduo se encontra, que se sente parte da humanidade, e quem sabe, a partir disso o aluno possa considerar de maneira mais consistente em seu modo de vida, projetos com finalidade de longo prazo, incluindo também objetivos que contemplem o outro.

O corpo - elemento de fundamental importância; para a sociabilização dos alunos, para seu pertencimento social, para sua identidade pessoal/comunitária - na escola, numa escola crítica e reflexiva, ou, na ação de professores que busquem trabalhar a partir de um compromisso ético-transformador, em que pese às adversidades, pode/deve seguir esse mesmo caminho apontado anteriormente – ampliar as referências que conceituam o corpo, e para além da Biologia, incluir/debater conhecimentos relacionados à Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, História, entendendo-o como um elemento de interconexão entre natureza e cultura, tatuado de signos sociais, e que se expressa para além de seu funcionamento bio-fisiológico, revelando de maneira contundente a multiplicidade de conflitos vivenciados pelo indivíduo e ao mesmo tempo, explicitando a dinâmica da sociedade em que vive, e por isso mesmo, a temática do corpo torna-se um assunto de extrema relevância no mundo escolar.

Amarrar essas reflexões, incluindo no debate o papel e o significado da mídia, seja na relação direta com os signos/representações que tematizam o corpo, transformando-o, como já foi dito anteriormente neste estudo, num “objeto de fetiche”. Mas também, discutir sobre a função mais ampla da mídia na sociedade contemporânea - “fetichizar” a mercadoria - fornecendo-lhe uma identidade humana, e transformando-se no novo arquétipo da felicidade contemporânea. Papel social, como diria Althusser, de aparelho ideológico de um Estado capitalista voltado para o consumo e o lucro.

Oferecer espaços para a prática/reflexão de atividades da cultura corporal, onde a dimensão criativa, expressiva, tenha como valor fundante a emancipação humana, assim, jogos, danças, representações mímico-corporais podem expressar valores e ideais que tenham na dignidade humana de todos seu ponto de referência. Onde, a vivência dessas práticas corporais possam estar relacionadas reflexivamente com vivências

sociais mais amplas, por exemplo; a vivência lúdico-criativa da brincadeira e seu contraponto, a racionalização mecânica do trabalho nas fábricas/escritórios; a criação coletivo-solidária de uma apresentação de dança/teatro e a relação individualista/pragmática das formas contemporâneas de relações com o trabalho/lazer; buscando uma ponte entre a vida social e a prática pedagógica.

Também o esporte, a luta, e as expressões ginásticas, formas de expressão da corporalidade contemporânea, podem/devem ser pensadas nessa perspectiva. Denunciar seu sentido social hegemônico no mundo contemporâneo - reprodução da alienação humana. A partir disso, essas expressões da cultura corporal, exatamente por sua dimensão reprodutora do estado de desumanização, ao serem refletidas criticamente e explicitadas, podem ser um elemento pedagógico extremamente relevante no desvelamento dessa desumanização. E assim, procurar/construir elementos dentro do esporte, da luta, da ginástica que possam oferecer outro tipo de referências aos alunos.

Exatamente por explicitar as relações contemporâneas, o fenômeno do culto ao corpo, pode ser de grande relevância na escola. Ele, que a princípio, é um sintoma revelador de um determinado estado psíquico do indivíduo, na verdade é uma sinalização bem mais profunda, que, como já foi dito ao longo deste trabalho, reflete os pressupostos da estrutura social. Por isso, o fenômeno do culto ao corpo, cada vez mais presente dentro da escola, ao mesmo tempo em que revela uma relação patológica dos alunos com seu corpo, pode/deve ser um instrumento de entendimento crítico do mundo contemporâneo, na medida em que serve como inspiração pra uma reflexão ampliada da relação corpo/sociedade/indivíduo, discutindo seus condicionantes e buscando possíveis caminhos alternativos.

Assim, o comportamento da modelo Angela Bismark com seu corpo; suas mais de quarenta cirurgias plásticas; sua luta desesperada por visibilidade social; sua valorização social pelo *design* de seu corpo transformando-se, por isso, em personalidade midiática; seu horror ao envelhecimento e sua obsessão por uma aparência juvenil. Ao ser contextualizado com as referências sociológicas, filosóficas, antropológicas, psicológicas e históricas, ao ser observado num contexto ampliado, aquilo que a princípio poderia ser uma referência a ser imitada irrefletidamente pelos alunos, pode vir a ser, ao contrário disso, um instrumento de entendimento do mundo. Entendimento das relações humanas, do papel da mídia, do processo de consumo na sociedade do capitalismo globalizado. Entendimento das formas de alienação humana e de possíveis maneiras de viver de modo mais emancipado.

Com isso, se pretendemos construir uma reflexão crítica dentro da escola, é necessário perceber de maneira clara, que o discurso hegemônico na sociedade contemporânea, é de exaltação à juventude. Assim crianças, adultos, idosos só são reconhecidos socialmente a partir de sua *mimesis* com os ideais juvenis, e como são os efeitos do discurso que dão consistência simbólica à vida em sociedade, o que vemos é uma obsessão por se espelhar em modelos, como a citada neste trabalho, Angela Bismark, que se transforma em referência irrefletida, por ostentar um corpo que aparentemente revela uma afinidade com a idéia da eterna juventude. Por isso, a reflexão ampliada sobre os discursos corporais são de fundamental importância. Se, como já foi visto, o processo histórico não tem mais valor, o tempo vivido é um sinal concreto no corpo, que revela de maneira aterradora para o narcisismo contemporâneo sua inutilidade social, então:

O mito da eterna juventude, no limite, tende a produzir corpos sem história, dos quais tentamos apagar, com o

auxílio da medicina, todas as marcas do passado. E como é impossível ostentar uma aparência jovem sem adotar “atitudes” jovens, vamos vendo que a vida já não pode nos acrescentar experiência nem sabedoria. A disponibilidade permanente para a moda, o consumo do efêmero, a aceitação de todas as novidades produzidas pela indústria cultural impedem que as pessoas se aproveitem do vivido e transformem sua história de vida na marca de sua diferença pessoal e intransferível. Vivemos negando a morte, mas corremos o risco de morrer – o que ainda é inevitável – como se nunca tivéssemos vivido” (KEHL, 2003, p.258-259).

Uma educação, compromissada com a luta contra a alienação, e que se estende, portanto, contra um sistema de opressão e desumanização das pessoas, só tem alguma chance de se realizar a partir de uma perspectiva crítica sobre as estruturas que sustentam a sociedade contemporânea. Por isso o corpo só pode ser pensado na escola a partir desses pressupostos, na tentativa de construir uma relação que abandona os sinais da pandemia narcisista e volta-se para uma ligação ética que parte “dos corpos belos para as belas ações, das belas ações para os belos conhecimentos, até que dos belos conhecimentos alcance, finalmente, aquele conhecimento que outra coisa não é senão o próprio conhecimento Belo” (PLATÃO, 1980, IN: SILVA, 2001, p.129).

BIBLIOGRAFIA

ABREU, E. S. A. *Walter Benjamin e o Tempo da Grande Indústria*, Revista Diálogos, DHI/UEM, 02: 65-79, 1998

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento, Fragmentos Filosóficos*, Tradução de Guido A. Almeida, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2006.

ALMEIDA, Milton. *Liturgia Olímpica*, IN: SOARES, Carmen Lucia. *Corpo e História*, Campinas, Autores Associados, 2006.

AMARAL, Mônica G.T. *O Espectro de Narciso na Modernidade, de Freud a Adorno*, São Paulo, Ed. Estação Liberdade, 1997.

ANDRADE, S.S. *Saúde e Beleza do Corpo Feminino*, Rev. Movimento, Porto Alegre, v.9, nº01, ps.119-143, janeiro/abril de 2003.

BARATTO, G. E AGUIAR, F. *A “Psicologia do Ego” e a Psicanálise Freudiana das diferenças teóricas fundamentais* – Revista Filos. v.19, nº 25, jul/dez.2007.

BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*, S. Paulo: Brasiliense, 1994.

_____, *Sobre o conceito de História*, IN: *Obras escolhidas*, trad. Sérgio P. Rouanet, Brasiliense, 1987.

BERTOLLI FILHO, C. e OBREGON, R. L. *Corpo, comunicação e educação*. Rev. Ciência Educação, Bauru, v. 6, n. 1, p. 57-63, 2000

BRACHT, W. *Esporte, História e Cultura* IN; PRONI M. e LUCENA R. *Esporte História Sociedade*, Campinas, Editora Autores Associados, 2002.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. 5. ed. V.I Petrópolis: Vozes, 1989.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*; São Paulo, Ed. Cia. Das Letras, 1993.

CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo, modernidade e mídia*. Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió, 1997.

CODO, W. , SENNE W. *O que é Corpo (latria)*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

COSTA, J. F. *Não Mais, Não Ainda: A Palavra na Democracia e na Psicanálise*, Biblioteca Virtual dos Direitos Humanos, Universidade de São Paulo, atualizado em 28/09/1998, Disponível na Internet via: [HTTP://www.direitoshumanos.usp.br](http://www.direitoshumanos.usp.br) Arquivo consultado em 18 de janeiro de 2010.

CRESPO, J. *A História do Corpo*, Lisboa, Difel, 1990.

CROCHIK, J.L. *A Ideologia da Racionalidade Tecnológica e a Personalidade Narcisista*, Tese de Doutorado apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1999.

DAOLIO, J. *Corpo e Identidade*, IN: *Século XXI, A Era do Corpo Ativo*, MOREIRA, W. (Org) Campinas, Papirus, 2006.

ELIAS N. *A Busca da Excitação*. Rio de Janeiro: Difel, 1997.

_____, *O processo Civilizador: Uma História dos Costumes*, vol.I, Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

FONTES, J. B. *O corpo e sua Sombra*, prefácio à 2ª edição, IN: *Corpo e História*, Carmen Lucia Soares, Campinas, Autores Associados, 2006.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____ *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____ *História da Sexualidade III: O cuidado de si*, Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FREUD, S. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, IN: *Obras Psicológicas Completas*, Rio de Janeiro Imago, [1905] 1996.

FREUD, S. *Sobre o Narcisismo, uma introdução*, IN: *Obras Psicológicas Completas de S. Freud*, Rio de Janeiro, Imago, [1915] 1974.

GONÇALVES, M.A.S. *Sentir, Pensar, Agir, Corporeidade e Educação*, Campinas, Editora Papirus, 4ª Edição, 2000.

GRAMSCI. A. *Cadernos do cárcere 4: Temas de Cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

KEHL, M. R. *Fetichismo*, IN: BUCCI, E. e KEHL, M. R. *Videologias*, São Paulo, Boitempo Editorial, 2004.

LAPLANCHE J. e PONTALIS J.B. *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

LASCH, C. *O Mínimo Eu – sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____ *A Cultura do Narcisismo – a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LASTÓRIA, L.A.C.N. *O Topos Psicológico no Interior da Teoria Crítica da Sociedade*; IN: ZUIN, A.S.;PUCCI, B. e RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. *Ensaio Frankfurtianos*, São Paulo, Editora Cortez, 2004.

LE GOFF, Jacques (ORG.), *O Homem Medieval*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

LEFEBVRE, H. *Marxismo*, Tradução de Willian Lagos, Porto Alegre, Editora L&PM, 2009.

LIRA E SILVA, A. *Paixão e Droga como Vínculos Patológicos um Estudo Psicanalítico Sobre a Relação de Dependência Entre Sujeito e Objeto*, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, 2005.

MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*, IN: *Manuscritos Econômico-Filosófico e Outras Obras Escolhidas*. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

_____ *O Capital*, Livro Primeiro, Vol. I, Tradução Reginaldo Sant'Anna, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1975.

_____ *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Tradução de Artur Morão, Lisboa, Editora Edições 70, 1963.

MARX, K. E ENGELS, F. *A ideologia alemã (Feuerbach)*, São Paulo, Ed. Hucitec, Tradução: José Carlos Bruni e Marco Aurélio Garcia, 8ª edição, 1991.

MELLO, C.A.A. *Um Olhar Sobre o Fetichismo*, Reverso, v.29, setembro, nº 54, Belo Horizonte, 2007.

SALLES, L.S. *Posição do Estágio do Espelho na Teoria Lacaniana do Imaginário*, Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 17 - nº 1, p. 113-127, Jan./Jun. 2005.

SANT'ANNA, D. B. *É Possível Realizar uma História do Corpo?* IN: SOARES, Carmen Lucia. *Corpo e História*, Campinas, Autores Associados, 2006.

SENNETT, R. *Carne e Pedra*, Tradução de Marcos Aarão Reis, São Paulo e Rio de Janeiro, Editora Record, 1994.

SEVCENKO, N. **Futebol, metrópoles e desatinos** IN: Revista USP: Dossiê Futebol. Número 22, 1994.

_____ *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes anos 20*, São Paulo, Cia das Letras, 1992.

SILVA, A. M. *A Natureza para a Phisis Humana, Indicadores para um estudo da Corporeidade*, IN: SOARES, Carmen Lucia. *Corpo e História*, Campinas, Autores Associados, 2006.

_____ *Corpo, Ciência e Mercado, Reflexões Acerca da Geração de um Novo Arquétipo da Felicidade*, Campinas, Editora Autores Associados, 2001.

SOARES, Carmen Lucia. *Corpo e História*, Campinas, Autores Associados, 2006.

_____, *Imagens da Educação do Corpo, Estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX*, Campinas, Editora Autores Associados, 1998.

ROSENBERG, Jocelyne Levy. *Lindos de Morrer*, São Paulo, Ed. Celebris, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. *O Homem Máquina Hoje*, IN: NOVAES, Adauto. *O Homem Máquina, A Ciência Manipula o Corpo*, São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

VASQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.-----